

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E NATURAIS
DEPARTAMENTO DE LÍNGUAS E LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS LINGUÍSTICOS
MESTRADO EM LINGUÍSTICA**

IONE AIRES SANTOS

**UM ESTUDO SOBRE A METONÍMIA COMO UM
PROCESSO COGNITIVO**

Vitória
2011

IONE AIRES SANTOS

UM ESTUDO SOBRE A METONÍMIA COMO UM PROCESSO COGNITIVO

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Linguística em Estudos Linguísticos do Centro de Ciências Humanas e Naturais, da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para obtenção do Grau de Mestre em Estudos Linguísticos.

Orientadora: Adrete Terezinha Matias Grenfell

Vitória
2011

IONE AIRES SANTOS

**UM ESTUDO SOBRE A METONÍMIA COMO UM
PROCESSO COGNITIVO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação *stricto sensu* em Linguística do Centro de Ciências Humanas e Naturais, da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para obtenção do Grau de Mestre em Estudos Linguísticos.

Comissão Examinadora:

Profa. Dra. Adrete Terezinha Matias Grenfell – UFES
Orientadora, Presidente da Sessão e da Comissão Examinadora

Profa. Dra. Ana Flavia Lopes Magela Gerhardt – UFRJ
Membro Titular Externo da Comissão Examinadora

Profa. Dra. Virgínia Beatriz Baesse Abrahão - UFES
Membro Titular Interno da Comissão Examinadora

Vitória, de de 2011.

FICHA CATALOGRÁFICA

DEDICATÓRIA

Aos meus pais, Ironilton e Ilma, e aos meus sogros, Vevé e Paulo.

AGRADECIMENTOS

Ao grandioso Deus pelo dom da vida e pelas pessoas que Ele colocou no meu caminho para que eu não prosseguisse sozinha. Eis algumas delas a quem direciono meus agradecimentos:

A querida Professora Doutora Adrete Grenfell, pelos ensinamentos em Linguística Cognitiva, pela paciência, pela confiança e pelo incentivo em momentos tão difíceis.

O senhor Eduardo Henrique, pela “mãozinha” nas formatações e nas traduções.

Os professores Luciano Vidon e Virgínia Abrahão, pelas sugestões de melhoria deste trabalho na Qualificação.

Os meus queridos pais, Ilma e Ironilton, pelo carinho, pelo cuidado, pela paciência.

O meu amado Paulo Wander, afetuosamente, sem palavras.

Os meus irmãos, Izaías, Ítala e Júnior, pelo companheirismo.

O meu pinguinho de gente, Luíza.

A Lucinha e o Luciano, pelo cuidado com minha filha.

A minha amiga Josiane, pela cumplicidade nos estudos.

As minhas irmãs em Cristo Sara, Josefa, Rosana, Fabiana, Karen.

Os amigos Irineu e Fernando, pela motivação e pelo apoio.

Os familiares e amigos, pelas constantes orações.

Os amigos e professores do Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Linguística.

A professora Ana Flávia Gerhardt, Examinadora Externa deste trabalho.

A Fundação de Apoio à Ciência e Tecnologia do Espírito Santo (FAPES), pelo suporte financeiro concedido por meio da Bolsa de Mestrado.

*O todo sem a parte não é todo;
A parte sem o todo não é parte;
Mas se a parte o faz todo sendo parte,
Não se diga que é parte, sendo todo.*

Gregório de Matos

RESUMO

Procurando desvendar a metonímia bem como entendê-la, neste trabalho, faz-se um estudo acerca da linguagem figurada sob um olhar qualitativo, desde a Retórica até se chegar ao percurso investigativo acerca dos pressupostos teóricos da Linguística Cognitiva. Para isso, a linguagem figurada é observada na retórica aristotélica e nas gramáticas tradicionais. Faz-se uma comparação entre a metáfora e a metonímia sob o enfoque tradicional, além de verificar como se dá a taxonomia da metonímia, como ela é apresentada nos livros didáticos e quais as consequências da abordagem taxonômica tradicional. Conhecidas as implicações do estudo tradicional sobre a metonímia, apresenta-se a Linguística Cognitiva, uma disciplina que trouxe um novo olhar epistemológico sobre o modo como as coisas são experienciadas e categorizadas. Apresentam-se a metáfora e a metonímia sob a ótica da cognição e, por fim, faz-se o estudo da metonímia com relevância para a sua natureza inferencial, com vistas à elucidação de como processos metonímicos organizam a experiência e a compreensão de mundo das pessoas. Levam-se em consideração as contribuições de Lakoff (1987) acerca da abordagem dos Modelos Cognitivos Idealizados e dos estudos que atestam o papel inferencial da metonímia especialmente em (Barcelona 2003, 2004, 2005). A análise constitui-se de um estudo de caso com vistas a observar a face inferencial da metonímia conceptual e como se constitui o processo de construção de um determinado conceito via processo metonímico. Os resultados demonstraram que a metonímia conceptual tem um alcance sociocultural.

Palavras-chave: Semântica Cognitiva. Metonímia. Referência. Inferência.

ABSTRACT

Looking metonymy unravel and understand it, in this work, it is a study of the figurative language in a quality look, from rhetoric to get to the investigative course on the theoretical assumptions of Cognitive Linguistics. For this, the imagery is seen in Aristotelian rhetoric and in traditional grammars. Makes a comparison between metaphor and metonymy in the traditional approach, and verify how the taxonomy of metonymy, as it is presented in textbooks and what the consequences of traditional taxonomic approach. Knowing the implications of the study on traditional metonymy, presents the Cognitive Linguistics, a discipline that has brought a new perspective on the epistemological way things are experienced and categorized. We present the metaphor and metonymy in the view of cognition and, ultimately, it is the study of metonymy relevant to the inferential nature, aimed at the elucidation of how metonymic processes organize the experience and understanding of the world people. It takes into account the contributions of Lakoff (1987) about the approach of the Idealized Cognitive Models, and studies that prove the inferential role of metonymy in particular (Barcelona 2003, 2004, 200); Gibbs 1999; Panther & Thornburg 1999, Ibanez 2003 .) The analysis consists of a case study in order to observe the inferential face of the conceptual metonymy as is the process of building a particular concept through metonymic process. The results showed that conceptual metonymy has a range of socio-cultural.

Keywords: Cognitive Semantics. Metonymy. Reference. Inference.

LISTA DE FIGURAS

Figura 01 – Mapeamento Metonímico	71
Figura 02 – Mapeamento Metafórico	71
Figura 03 – Ativação de um alvo específico	72
Figura 04 – Princípio de Identificação	74
Figura 05 – Modelo Cognitivo Idealizado de <i>restaurante</i>	76
Figura 06 – Metonímias conceptuais guiam implicaturas	84
Figura 07 – Modelo Cognitivo Idealizado de <i>árbitro de futebol</i>	89

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Lista de relações metonímicas	34
Tabela 2 – Níveis de organização categorial	53
Tabela 3 – Características de um Modelo Cognitivo Metonímico.....	66

SUMÁRIO

CONSIDERAÇÕES INICIAIS	14
1 A LINGUAGEM FIGURADA: UM PERCURSO NO TEMPO	18
1.1 A LINGUAGEM FIGURADA NA RETÓRICA ARISTOTÉLICA E NAS GRAMÁTICAS	19
1.2 A SUPOSTA SUPERIORIDADE DA METÁFORA EM RELAÇÃO À METONÍMIA	24
1.3 METONÍMIA E TRADIÇÃO	29
1.3.1 Por uma taxonomia da metonímia	32
1.3.2 Consequências da tradição nos ensinamentos modernos	35
1.3.2.1 Nos livros didáticos	35
1.3.2.2 Metonímia e coesão textual	37
2 LINGUÍSTICA COGNITIVA: ASPECTOS TEÓRICOS E EPISTEMO-METODOLÓGICOS	40
2.1 A METÁFORA E A METONÍMIA SOB A ÓTICA DA COGNIÇÃO	44
2.1.1 Metáforas da vida cotidiana	44
2.1.1.1 Metáforas estruturais	45
2.1.1.2 Metáforas orientacionais	46
2.1.1.3 Metáforas ontológicas	46
2.1.2 Metonímias da vida cotidiana	47
2.2 CATEGORIZAÇÃO CLÁSSICA E CATEGORIZAÇÃO POR PROTÓTIPOS	51
2.3 ESQUEMAS, MODELOS E MAPEAMENTOS	57
2.3.1 Esquemas de imagem	57
2.3.2 Modelos Cognitivos Idealizados	60
2.3.2.1 Modelos Cognitivos Metonímicos	65
2.4 MAPEAMENTOS METONÍMICO E MAPEAMENTO METAFÓRICOS	74
3 UM ESTUDO DA METONÍMIA PARA ALÉM DA SUA FUNÇÃO REFERENCIAL	78

3.1 SENTIDO PROPOSICIONAL X SENTIDO NÃO PROPOSICIONAL.....	80
3.1.1 Inferência x Referência	80
3.2 A NATUREZA INFERENCIAL DA METONÍMIA	81
4 UM ESTUDO DE CASO	86
CONSIDERAÇÕES FINAIS	90
REFERÊNCIAS	92
ANEXOS	98

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Desde há muito tempo, a metáfora e a metonímia foram reconhecidas, sob o paradigma objetivista, como desvios linguísticos. Se na linguagem literária a metáfora e a metonímia foram, ora apreciadas como recurso estético artístico, ora apreciadas como recurso retórico e persuasivo, a presença da metáfora e da metonímia na linguagem científica, no entanto, não foi contemplada com bons olhos. Um dos questionamentos sobre a metáfora e sobre a metonímia, pelo objetivismo, é explicado pelo fato de se atribuir à linguagem uma determinada transparência – transparência que possibilitaria espelhar o mundo objetivo em cuja expressão palavras e coisas teriam uma relação direta¹.

Romper com a visão descrita acima significa romper com certos paradigmas fixados, sobretudo, pelo Racionalismo Cartesiano e pelo Positivismo Lógico, a partir dos quais se supõe a existência de verdades inquestionáveis sobre o mundo objetivo. Significa também romper com o quadro teórico em que a linguagem é concebida como sendo capaz de espelhar a realidade objetiva, isto é, como sendo capaz de, apenas, refleti-la.

Tal rompimento, efetivado pela teoria que relaciona conceptualização e linguagem, explicitou, em sua origem, um sistema de metáforas e de metonímias conceptuais, subjacente às expressões linguísticas que, pela sistematicidade das ocorrências, puderam ser caracterizadas como configuradoras do modo pelo qual compreendemos e significamos conceitos. É por isso que metáfora e metonímia são consideradas fenômenos conceptuais.

Assim, apoiando-se na perspectiva teórica da Linguística Cognitiva, defende-se a metonímia como um fenômeno conceptual. A metonímia, que até então apresentava um papel acessório nas concepções clássicas e tradicionais - as quais reservaram para ela o legado de ornamento linguístico e de figura de linguagem - passa a ser considerada ao lado da metáfora, uma das

¹ Cf. LAKOFF & JOHNSON, 2002.

características básicas da cognição humana. Com base nisso, esta pesquisa aponta para o seguinte questionamento: em que medida a função referencial da linguagem responde por um tratamento adequado da metonímia? Qual a medida de tal tratamento, ou melhor, qual a suficiência do tratamento tradicional para o entendimento dos fatos metonímicos?

Para Lakoff & Johnson (2002, p.93) a metonímia “não é um mero recurso referencial. Ela também tem a função de propiciar o entendimento”. Esse posicionamento demonstra que o sentido não se submete a uma relação direta entre linguagem e mundo. A metonímia tem importância no processo de compreensão da linguagem e do mundo. Nessa direção, este trabalho associa-se a estudos que expandiram a função da metonímia para outros níveis. É nesse sentido que se adota a concepção de metonímia conforme apresentada por Panther & Thornburg (1999) que denominam as metonímias de esquemas naturais de inferência, apresentando-as como associações entre conceitos, facilmente ativáveis, que podem ser usados para finalidades inferenciais. Supõe-se, então, que a metonímia é muito mais que um processo de deslocamento de referência. É nessa possibilidade de diferenciação de tratamento que se apoia esta pesquisa. Por hipótese, supõe-se que a função referencial da linguagem é suficiente para explicar a metonímia considerada sob os moldes tradicionais cuja abordagem se limita à relação entre termos produzindo um quadro taxonômico de tais realizações. No entanto, a relação entre linguagem e referência é insuficiente para as nuances do processo metonímico em sua rica abrangência. O pensamento metonímico é tão abrangente que se acha, segundo Lakoff & Johnson (2002), em áreas tais como no simbolismo cultural, nos gestos humanos, e na iconicidade, de um modo geral. De acordo com Radden (2005, p. 26) as metonímias aparecem também em representações visuais, de modo semelhante e como acontecem na linguagem. Há também representações metonímicas de nossos sentidos olfativos e gustativos, por meio de evocações de cheiros e de sabores. Contudo, esta pesquisa há de se deter nos aspectos linguísticos da metonímia. O objetivo da pesquisa, então, é expor alguns aspectos que demonstram que o sentido não se submete a uma relação direta entre linguagem e mundo, isso com base, primordialmente, na afirmação de Lakoff (1987, p.77) sobre a

metonímia, considerando-a uma das características básicas da cognição humana.

Nesse novo paradigma apresentado pelos estudos cognitivos, os processos metafóricos e metonímicos são postos em destaque. Defende-se que o pensamento possui uma capacidade imaginativa vinculada à experiência física e social.

Vale destacar que os estudos da linguagem, do ponto de vista da cognição humana, são vanguardistas, pois se adota aí um novo modo de concepção de significar o mundo, o que também justifica a relevância de tais estudos.

Quanto à disposição dos conteúdos na pesquisa, o primeiro capítulo destina-se a apresentar uma abordagem da linguagem figurada relacionada à classificação retórica e tradicional. Apresenta-se a revisão da literatura no que diz respeito à metonímia, com destaque para o ponto de vista de gramáticos tradicionais e de teóricos e estudiosos contemporâneos. Apresenta-se também a noção de metonímia em livros didáticos com vistas a uma breve reflexão sobre a necessidade de ensino de tal conceito nas escolas.

O primeiro capítulo apresenta, em linhas gerais, a teoria que fundamenta este trabalho: a Linguística Cognitiva, por meio de alguns conceitos que fundamentam o referencial teórico adotado. Estudam-se aqui, diferentes tipos de metáforas, criando-se uma contracena para a compreensão da metonímia. Com base nisso, caracteriza-se a metonímia conceptual, apresentam-se e discutem-se os esquemas de imagem, os Modelos Cognitivos Idealizados e os Modelos Cognitivos Metonímicos.

O segundo capítulo demonstra a face inferencial da metonímia conceptual.

O terceiro apresenta um estudo de caso com vistas a observar como se constitui o processo de construção de um determinado conceito via processo metonímico.

O quarto e último capítulo apresenta as considerações finais, com base no que foi observado e analisado em capítulos anteriores.

1 A LINGUAGEM FIGURADA: UM PERCURSO NO TEMPO

Le style c'est home.
(George-Louis Leclerc)

Desde tempos muito remotos, a relação entre linguagem e mundo tem sido objeto de estudos. No campo da filosofia, por exemplo, Platão constrói um diálogo entre os personagens Sócrates, Hermógenes e Crátilo, para demonstrar a incessante busca de respostas para a indagação acerca da origem e da natureza da linguagem, bem como da relação entre as palavras e as coisas. Põem-se em debate duas posturas antagônicas: o naturalismo que destacava haver uma justeza dos nomes, por natureza atribuídos a cada um dos seres e, o convencionalismo que apresentou a adequação dos nomes como sendo uma mera convenção ou acordo, na qual se assentou o caráter arbitrário da linguagem. Essas duas concepções básicas da relação linguagem/mundo tiveram um papel de extrema importância para os estudos posteriores sobre as concepções de linguagem.

Ainda de um ponto de vista filosófico e, conforme os princípios lógicos da Semântica Formal, os estudos fregeanos postularam que há um referente previamente dado no mundo, que pode ser verificado a partir das condições de verdade. Assim, a abordagem formal considera que a linguagem se apoia num viés informacional no qual o conceito de verdade é externo à linguagem. Para tanto, preconiza-se que, a partir da existência de um referente no mundo, consegue-se, por meio da linguagem, construir o significado de forma objetiva. Em outros termos, a ideia de que existe um referente para as palavras encontra ecos na concepção de que há um grau zero da linguagem. Nesse nível de realização, supõe-se a linguagem referindo-se às coisas objetivamente, ou seja, por meio de denotações, de modo que se supõe haver uma relação direta entre as palavras e as coisas. Nesse ponto de vista, em grau zero, a linguagem reflete o mundo objetivo. Contudo, se há uma ordem direta, há também um estágio de linguagem em que pode haver desvios da suposta ordem. Essa linguagem desviada foi chamada linguagem figurada, ou seja, conotativa. Assim, supõe-se uma linguagem própria, utilizada nos discursos científico,

filosófico e jornalístico, por exemplo, e uma linguagem figurada, apropriada aos discursos poéticos e presente no lirismo. A linguagem própria ganha, desse modo, o estatuto de verdadeira e objetiva e a figurada, o estatuto de inventada e subjetiva (PIETROFORTE & LOPES, 2003).

Em divergência a essa postura, o estatuto dos processos figurativos ganha uma nova dimensão a partir de estudos filiados aos pressupostos da Linguística Cognitiva que trouxeram um olhar epistemológico em detrimento dos estudos tradicionais que buscaram na ontologia das coisas e dos seres uma explicação para a nomeação do mundo. Para a Linguística Cognitiva, estruturas linguísticas são estruturas cognitivas, pois toda e qualquer categoria linguística é um tipo de categoria cognitiva.

Numa abordagem, que tem como tema a metonímia, torna-se necessária a visitação a alguns postulados filosóficos da retórica tradicional e seu eco em algumas gramáticas tradicionais e em alguns livros didáticos que são atualmente usados como obras de referência nas academias e escolas de um modo geral. Pretende-se com isso entender o que teóricos tradicionais disseram sobre o assunto, que reperçussão essas afirmações têm para o desenvolvimento de estudos posteriores sobre o assunto, bem como reunir tais estudos, de modo a que produzam sentido em relação à teoria que fundamenta esta pesquisa.

1.1 A LINGUAGEM FIGURADA NA RETÓRICA ARISTOTÉLICA E NAS GRAMÁTICAS TRADICIONAIS

A Retórica tem em Aristóteles seu maior representante, no que diz respeito aos postulados relativos à linguagem figurada. Considerada a linguagem da emoção e das paixões, a linguagem figurada ocupa um papel de destaque, tanto na poesia, quanto no discurso. Os retóricos defendem que essa linguagem possui dupla função, pois exerce o papel, tanto de artifício de embelezamento, quanto de artifício de persuasão. Nesse aspecto, os discursos de um orador (aquele que fala ou escreve para convencer) eram elaborados

segundo as “regras” da imitação do fazer artístico e, principalmente das técnicas de buscar nos argumentos a persuasão do público. Dessa forma, os ensinamentos aristotélicos orientavam o orador quanto à habilidade de convencer/persuadir. Aristóteles, por exemplo, ao mencionar as qualidades necessárias do estilo oratório, apregoa: “[...] Desviar uma palavra de seu sentido ordinário permite dar ao estilo maior dignidade”². Além disso, afirma: “[...] Dissimula-se felizmente o artifício, compondo o discurso com termos escolhidos na linguagem ordinária”³. Assim, a seleção vocabular é uma das práticas recomendadas para se obter um discurso bem elaborado, a fim de se alcançar a adesão do ouvinte.

Aristóteles atribuiu à metáfora um papel de extrema importância na elaboração dos discursos voltados para o público. Os trechos a seguir são ensinamentos do filósofo grego: “Queremos ornar o assunto? Tiraremos a metáfora do que no gênero há de melhor. Queremos rebaixá-lo? Tiraremos a metáfora do que há de pior”⁴. Essas declarações não dúvidas da deixam maestria do filósofo ao fazer uso de estratégias de convencimento. Nesse enfoque, a língua é usada como instrumento que reflete, nas escolhas que são feitas, a elaboração de um discurso: “uma palavra é mais própria que outra, aproxima-se mais do objeto e é mais capaz de o pôr diante de nossos olhos”⁵. Com isso, coloca-se, em realce, o poder expressivo das palavras, a escolha mais apropriada do termo ou a afinação do estilo. “[...] Daí se extrai todo o jogo de ocultamentos e sugestões que se iam buscar nas figuras: uma emoção suscitada (*movere*), um conhecimento transmitido (*docere*) e um prazer oferecido (*delectare*), tudo isso para triplamente prender o interlocutor” (BRANDÃO, 1989, p.26).

Além de tal postulação, Aristóteles não se deteve a uma classificação das figuras de linguagem. O pensador grego reconheceu os processos figurativos, apontando a proeminência da metáfora como a legítima representante da figuração, por considerá-la representante de toda a sorte de transposições,

² ARISTÓTELES. **Arte retórica e arte poética**. Trad. de Antônio Pinto Carvalho. Rio de Janeiro: Tecnoprint, [199-]. p.176.

³ Idem, *ibidem*.

⁴ Idem, p.177.

⁵ Idem, p.178.

tanto das que se inspiram nas relações de similaridade, como das outras, aquelas relacionadas à contiguidade.

O estagirita declarou que a metáfora é o meio que mais contribui para dar clareza, agrado e o “ar estrangeiro”⁶ ao pensamento, uma vez que os homens admiram o que vem de longe e a admiração causa prazer. Para agradar o público ouvinte, o orador é alertado pelo filósofo para a escolha das metáforas que devem ser selecionadas, a fim de que se adaptem ao assunto em questão. Acerca da abordagem aristotélica, Ricoeur (2005, p.49) reitera que a metáfora vincula-se à palavra nos termos de substituição, ou seja, à arte da persuasão, com vistas ao domínio da palavra pública.

Embora a expressão ornada caracterize o discurso “bem elaborado”, apreciado por poetas e retóricos, houve o reconhecimento de que o uso das figuras é também encontrado na linguagem cotidiana. Aristóteles ([199-], p.176) declara que “não há ninguém que na significação corrente não se sirva de metáforas, dos termos próprios e dos vocábulos usuais”. Essa é uma afirmativa bastante singular, considerando-se a longa tradição de estudos posteriores que sediará a metáfora no interior da linguagem literária, restringindo-a a tal lugar. A metáfora ocupa um lugar de extrema importância, desde o início dos tempos quando se reflete sobre ela - tendência que se revela constante através das diferentes épocas - o que perdura de certa forma até os dias de hoje.

No entanto, embora a Teoria Aristotélica sobre o funcionamento das metáforas seja o fundamento da teoria clássica da metáfora, sua formulação sobre a capacidade de a metáfora produzir conhecimento não foi retomada no pensamento filosófico moderno. Com o surgimento da ciência empírica como um modelo de verdade, a suspeita em relação à poesia e à retórica domina o pensamento ocidental e a metáfora, assim como outros recursos figurados, tornam-se objetos de menosprezo (LAKOFF & JOHNSON, 2002, p.299-300).

⁶ ARISTÓTELES. **Arte retórica e arte poética**. Trad. de Antônio Pinto Carvalho. Rio de Janeiro: Tecnoprint, [199-]. p.176.

Se, por um lado, Aristóteles não se deteve a uma classificação das figuras de linguagem, posteriormente outros estudiosos da Retórica vão se debruçar para se esmerarem na realização de tal tarefa. Durante muito tempo, a arte retórica esteve submetida às normas e à imitação da técnica na elaboração de um discurso eficaz. Entretanto, conforme Martins⁷, a partir do século XVIII, houve a valorização do individual e o repúdio às normas e à imitação, o que favoreceu o declínio da Retórica. Outro fator importante que contribuiu para o declínio da Retórica foi “a obsessão pela nomenclatura, da classificação pela classificação, que fazia do texto literário um pretexto para a identificação e denominação das figuras, com prejuízo da emoção e do prazer que ele deveria proporcionar”⁸.

Posicionamentos referentes à classificação das figuras fazem-se presentes em autores, como por exemplo, Ricoeur⁹, ao comentar que a teoria do estilo reduziu-se a uma classificação das figuras e esta a uma teoria dos tropos; “a própria tropologia não mais prestou atenção senão ao par constituído pela metáfora e pela metonímia ao preço da redução da segunda à contiguidade e da primeira à semelhança”¹⁰.

Na retórica aristotélica, o estilo esteve intimamente ligado à elaboração do discurso ornamentado. Somente no início do século XX, Bally situou a Estilística nos termos do sistema da língua, enquanto expressão coletiva. A partir daí, a Estilística passou a constituir uma nova disciplina ligada à Linguística. Passa-se a considerar uma estilística da língua não se limitando ao uso da língua para fins normativos e ou para fins exclusivamente literários (MARTINS, 2008). Assim, não se torna difícil perceber que, em gramáticas tradicionais, a linguagem figurada é tratada em termos da Retórica (foco na argumentação para o convencimento) e em termos da Estilística (foco no sistema expressivo da língua). É o que se pode constatar na gramática de

⁷ MARTINS, Nilce Sant’Anna. **Introdução à estilística**: a expressividade na língua portuguesa. 4. ed. rev. São Paulo: Editora da USP, 2008.

⁸ Idem, p.37-38.

⁹ RICOEUR, Paul. **A Metáfora Viva**. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2005.

¹⁰ Idem, p.78.

Rocha Lima¹¹ (1974) que considera as figuras de linguagem como certas maneiras de dizer que expressam o pensamento ou o sentimento com energia e colorido, a serviço das intenções estéticas de quem as usa. O autor reforça esse pensamento afirmando que se trata de “recursos naturais da linguagem, que os escritores aproveitam para comunicar ao estilo vivacidade e beleza”¹². Sob um viés retórico, Barros (1985) caracteriza as figuras enquanto estratégia literária dos escritores para obter algum efeito sobre o leitor.

Kristeva (1969, p.55) assinalou que “o estudo do sentido confundiu-se na Antiguidade com o estudo das figuras de palavras, e, hoje em dia, cruza-se muitas vezes com a estilística”. De acordo com a autora, o estudo clássico dos tropos foi feito baseado no estudo da combinação ou da mudança de sentido. A autora revela que os semânticos da atualidade destacam as relações lógicas que subentendem os tropos e deduzem as operações de base para as mudanças de sentido.

Ullmann (1970), por exemplo, dividiu as mudanças semânticas em duas categorias: as que se baseiam na associação entre os sentidos (metáfora e metonímia) e as que envolvem uma associação entre os nomes (etimologia popular). Bechara (1977), em convergência com Ullmann (1970), considerou a metáfora e a metonímia as principais causas de mudança de significação de vocábulos. No que diz respeito à metonímia, Bechara (1977, p.341) a considera como “translação de sentido pela proximidade de idéias”. O gramático elencou uma série de exemplos, destacando-os em tipos de relações entre os termos, por meio de fragmentos de textos literários ou de proferimentos do cotidiano. Dentre as relações, mencionam-se a relação entre a parte e o todo; entre um produto e sua matéria-prima; entre um ser e seu princípio ativo; entre o agente e o resultado; entre um ser e alguns de seus traços físicos. E a metáfora? Como ela é apresentada?

¹¹ROCHA LIMA, Carlos Henrique da. **Gramática normativa da língua portuguesa**. Curso médio. 17. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1974.

¹² Idem, p.460.

1.2 A SUPOSTA SUPERIORIDADE DA METÁFORA EM RELAÇÃO À METONÍMIA

Há vultosos estudos que certificam o grande interesse de pesquisadores pela metáfora. Tal interesse está intimamente relacionado com a abrangência da metáfora na linguagem humana, que é caracterizada e assinalada pela metáfora genérica, considerada o grande expediente linguístico (cf. FILIPAK, 1983). Ou seja, para os estudos linguísticos e literários tradicionais, a metáfora tem um espaço tão importante que a linguagem figurada ficou genericamente conhecida como *linguagem metafórica*, como se essa denominação fosse um sinônimo de linguagem figurada. Uma das explicações que reforça e justifica o uso da metáfora como expediente de expressão, do ponto de vista tradicional, é apresentada por Garcia (1983, p.85) que expôs uma gama de aspectos constituintes das motivações metafóricas tais como: (i) A existência de similitudes no mundo objetivo; (ii) A incapacidade de abstração absoluta; (iii) A pobreza relativa do vocabulário disponível em contraste com a riqueza e a numerosidade das idéias a transmitir e, (iv) o prazer estético da caracterização pitoresca.

No primeiro caso, no que se refere à similitude no mundo objetivo, acha-se, por exemplo, a semelhança entre *menina* e *flor*, considerando-se a beleza e a delicadeza de ambas. *Menina* é compreendida parcialmente em termos de uma *flor*. No segundo caso, no que concerne à incapacidade de abstração absoluta, é sabido que a luta com as palavras é a luta mais vã. As idéias são muitas e, por isso, as palavras precisam dar conta/encaixar-se ao que se quer dizer, o que, nessa visão, culmina na pobreza relativa do vocabulário. No que concerne ao prazer estético da caracterização pitoresca, põe-se em evidência o uso artístico da metáfora na literatura com objetivos ligados ao ornamento e ao gosto particular do poeta/escritor.

Gramáticas tradicionais expõem alguns aspectos da metáfora sob o seguinte enfoque: para Rocha Lima (1974) a metáfora baseia-se na transferência de um

termo para uma esfera de significação que não é a sua, em virtude de uma comparação implícita. Conforme o gramático, a metáfora consiste numa relação de similaridade, cujo fundamento está na associação de idéias. Nessa mesma direção, Cegalla¹³ apresenta a metáfora como desvio da significação própria de uma palavra, advindo de uma comparação mental ou característica comum entre dois seres ou fatos. O autor completa afirmando que metáfora tem um caráter enfático, incisivo, direto produzindo impacto na sensibilidade das pessoas. De “grande força evocativa e emotiva é a mais importante e frequente figura de estilo”¹⁴.

Mas, se a metáfora exerce uma grande atração em diversos pesquisadores, não se pode afirmar o mesmo sobre a metonímia que, geralmente, aparece como pano de fundo de declarações relacionadas à metáfora, como se pode observar em Ullmann (1970) que apresenta a metonímia, como recurso estilístico, dispendo ela de um interesse limitado para o estudioso do estilo uma vez que ela surge apenas entre as palavras além de não revelar relações novas entre os termos. Imbuído desse posicionamento, Filipak (1983, p.135) declara que o “emissor e o receptor facilmente percebem a metáfora como um desvio lingüístico. A metonímia, por sua vez, é mais sorrateira, dissimulada e passa despercebida, detectável apenas pela análise linguística ou estilística”.

Esse caráter sub-reptício da metonímia talvez seja a justificativa para sua aparência de sombra em relação ao fulgor da metáfora e, mais ainda, talvez seja devido a tal característica o fato de a metonímia ter sido sempre muito menos estudada. Assim como foi observado na abordagem tradicional, a escassez dos estudos relacionados à metonímia, também é notada na abordagem da Linguística Cognitiva. Torna-se pertinente mostrar os dados da pesquisa de Paiva (2010, p.07) que fez uma busca acerca dos trabalhos voltados para a metonímia no Brasil. O levantamento de dados informa o seguinte:

¹³ CEGALLA, Domingos Paschoal. **Novíssima gramática da língua portuguesa**. 48. ed. rev. – São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2008.

¹⁴ Idem, p.614.

[...] o diretório de grupos de pesquisa no CNPq revela a existência de 5 grupos de pesquisa que se dedicam à investigação sobre metáfora e produção de sentido. Nenhum deles inclui a metonímia em sua descrição, o que não impede que a metonímia seja mencionada em alguns dos trabalhos desses pesquisadores, como é o caso, por exemplo, de Zanotto (2008). O exame de periódicos também exhibe o mesmo quadro. Na revista *Estudos da Linguagem*, encontramos 5 artigos sobre metáfora e nenhum sobre metonímia. Na *DELTA*, há 16 textos sobre metáfora e apenas um que inclui a metonímia em seu título (BASÍLIO, 2006). Basílio estuda a metáfora e a metonímia na formação de palavras e afirma que há pouca produção sobre metonímia nos processos lexicais. Os números especiais sobre metáfora das revistas *Lingua(gem)* em *Dicorso*, organizado por Moura, Vieira e Nardi (2007) e da *Ilha do Desterro*, editada por Vieira e Vereza (2007) também não apresentam artigos sobre a metonímia.

Os dados acima constatarem que embora haja um interesse crescente em relação à metonímia, as faces e interfaces da metonímia nos estudos cognitivos precisam ser desveladas.

Para demonstrar a superioridade da metáfora frente à metonímia, Filipak (1983) estabeleceu uma intertextualidade com dois personagens bíblicos¹⁵, e usou metáforas para diferenciar a metáfora da metonímia. O autor descreveu que a metonímia é a Marta do Evangelho, e a metáfora é a Maria. Grosso modo, essa comparação remete ao fato de a metonímia (sob a visão tradicional) apresentar-se com menor importância. No texto bíblico há um relato no qual Jesus Cristo visita as irmãs Marta e Maria. Nessa ocasião, Marta estava preocupada com os afazeres domésticos (práticas rotineiras). Maria, no entanto, se dispôs a ouvir os ensinamentos de Jesus (visita rara, nobre), sendo isso considerado mais importante do que a preocupação em arrumar a casa. Considerações análogas são feitas entre a metonímia e a metáfora. Esta desperta emoção ou sensibilidade, o que não acontece com a metonímia.

¹⁵ “E aconteceu que, indo eles de caminho, entrou numa aldeia; e certa mulher, por nome Marta, o recebeu em sua casa; E tinha esta uma irmã chamada Maria, a qual, assentando-se também aos pés de Jesus, ouvia a sua palavra. Marta, porém, andava distraída em muitos serviços, e, aproximando-se, disse: Senhor, não se te dá de que minha irmã me deixe servir só? Dize-lhe pois que me ajude. E, respondendo Jesus, disse-lhe: Marta, Marta, estás ansiosa e afadigada com muitas coisas. Mas uma só é necessária; e Maria escolheu a boa parte, a qual não lhe será tirada.” (Lucas, 10: 38-42)

Há quem, no entanto, destaque a imponência retórico-estilística da metonímia. Embora Reboul (1998) admita a reputação de a metonímia ser ‘prosaica e pobre’, diante da metáfora, ainda assim, o teórico francês não menospreza completamente o vigor da metonímia. Exemplifica-se a vivacidade da metonímia, por meio de uma declaração, (Ex. 01) “*Já não há Pirineus*”, que fora proferida na França, em 1700, por um embaixador espanhol. Reboul (1998) sugere que o enunciado tenha produzido um belo efeito surpresa. Se fosse declarada apenas a expressão “acabaram-se as fronteiras”, certamente, o efeito expressivo não teria sido alcançado com o mesmo fulgor.

Abrahão (2008) compreende a metonímia sob a perspectiva da Produção de Sentido em destaque para a importância dos processos histórico-sociais e culturais que sustentam a significação da metonímia para além de uma questão de estilo. Põe-se em relevo também a influência da experiência física na representação de processos de significação fomentados pela metonímia. A autora exemplifica isso por meio das metonímias “*Suor, sangue e lágrimas.*”, proferidas em 1939, por Wiston Churchill à população inglesa, em reação à situação de domínio e opressão. Para a autora as metonímias *suor, sangue e lágrimas*, expressam a situação de um modo bem realista provocando no povo o efeito de sentido de busca de resistência.

Reboul (1998) traz considerações que realçam a metonímia, quanto a três aspectos, quais sejam (i) o poder argumentativo da denominação, (ii) o efeito expressivo e (iii) a criação de símbolos. A metonímia tem, sobretudo, conforme o autor, o poder argumentativo da denominação que destaca o aspecto daquilo que é de interesse do orador. Considera-se a existência de exemplos de metonímias que podem valorizar ou revelar desprezo ao que se quer enfatizar. Como exemplo de argumentação, o teórico francês apresenta o *trono* e o *altar* como metonímia representante do aspecto de valor positivo atribuído ao exército e à Igreja, ao passo que o *sabre* e o *aspersório* representam, metonimicamente, um valor depreciativo que restringe o exército à matança, e a Igreja à práticas supersticiosas. Essas colocações estão voltadas aos preceitos de Aristóteles no que diz respeito à carga de argumentatividade atribuída a certas palavras. Para algumas pessoas, as palavras têm poder por

si só. Por meio dessa crença, por exemplo, tabus e eufemismos são criados com a finalidade de se evitar determinados assuntos, bem como de se amenizar o efeito de certos signos sobre as pessoas.

De acordo com Garcia (1983, p. 98), os símbolos formam-se pelo processo metonímico. Segundo o autor, a cruz tornou-se símbolo teológico a partir da associação habitual entre a morte de Jesus Cristo e o instrumento de seu sofrimento. A cruz passou a significar o próprio sacrifício de Cristo e, “por ampliação semântica (por metonímia), seus ensinamentos, sua doutrina, o cristianismo”.

Ao mencionar o *efeito expressivo* da metonímia e a *criação de símbolos*, Reboul (1998, p.121) mostra-se bem enfático ao declarar que a metonímia mais que outros tropos cria símbolos como, por exemplo, *a foice* e *o martelo*, *a rosa* e *a cruz*. Nesse sentido, o uso da metonímia “condensa um argumento fortíssimo”. Os símbolos citados acima caracterizam o Comunismo e um tipo de confraria, respectivamente. De fato, os símbolos não somente representam uma coisa por outra, eles sintetizam uma gama de significações acerca de eventos, instituições e grupos de pessoas.

Sobre o mesmo assunto, Lakoff & Johnson (2002, p.97-98) destacaram o simbolismo cultural e religioso como casos especiais de metonímia. Os autores ilustram que a metonímia, *pomba representando o Espírito Santo*, constitui um simbolismo para o cristianismo, esse simbolismo é motivado pelos seguintes aspectos: “pomba é concebida como sendo bela, amável, gentil e, sobretudo, pacífica. Por ser uma ave, seu habitat é o céu que, metonimicamente representa a eternidade, o habitat do Espírito Santo”.

Embora a metáfora seja apresentada numa posição de destaque, percebe-se que ela tem com a metonímia mais afinidades do que discrepâncias. A metáfora e a metonímia atuam no estudo estilístico e em mudanças semânticas na história das línguas. Ullmann (1970, p. 455) declarou que “[...] uma língua sem metáfora e sem metonímia é inconcebível: estas duas forças são inerentes à estrutura básica da fala humana”.

Os estudos de Jakobson também sustentaram a importância da metonímia e da metáfora na constituição da linguagem. Jakobson (1973) ressaltou a relação da metáfora e da metonímia com os processos de seleção e de combinação e expôs que ambos os tropos opostos, metáfora e metonímia, oferecem a expressão mais condensada de dois modos básicos de relação: a relação interna de similaridade (e contraste) serve de base à metáfora enquanto que a relação externa de contiguidade (e afastamento) determina a metonímia. Dessa forma, concordamos com Niemeier (2003), que, citando Dirven (apud NIEMEIER, 2003, p.196), afirma ter Jakobson desde sempre percebido a condição da metonímia em seu efeito de conceptualização, pois a linguagem apresenta-se com um duplo caráter que pode ser explicado por duas formas de arranjo: a combinação e a seleção. Ao comentar os distúrbios da afasia na linguagem, Jakobson (1970), também ressaltou o caráter cognitivo da metonímia. Soma-se a isso o pensamento de Radden (2005), que aponta o fato de a retórica tradicional já ter lidado com aspectos conceptuais na medida em se referia a noções tais como a *parte todo*, *causa efeito*, *contêiner continente* etc.

Nos estudos em Semântica Cognitiva, a metáfora e a metonímia trabalham no mesmo nível cognitivo, por isso não há superioridade de uma em relação à outra. Em seguida, o próximo item aborda brevemente o tratamento dispensado à metonímia ainda sob uma abordagem tradicional.

1.3 METONÍMIA E TRADIÇÃO

Etimologicamente, o termo *metonímia*, em grego *μετωνυμία* (*metonymía*), significa mudança (*μετα* - *meta*) de nome (*ὄνομα* - *ónoma*) e, em latim à denominação (*denominatio*), conforme registrado por Massaud Moisés (2004). Lausberg (apud MOISÉS, 2004, p.290-291), declara que a delimitação da metonímia à esfera dos nomes é equivocada, isto é, a metonímia não é uma mera relação entre nomes. Em outras palavras, a definição de metonímia, considerada apenas como o uso do nome de uma coisa por outra com a qual está associada, oferece apenas uma visão geral de sua essência.

Nota-se, contudo, em gramáticas tradicionais, uma visão restrita acerca das características da metonímia, pois essa visão não ultrapassa a substituição de palavras entre si. Barros (1985, p. 361), por exemplo, registra que a metonímia consiste na troca de palavras, isto é, emprega-se uma palavra por outra, e a primeira *lembra* a segunda, que fora omitida. Segundo o autor, a metonímia revela íntima relação entre o significado que se deseja transmitir e o significante usado para expressá-lo. Para Cegalla (2008), na metonímia uma palavra evoca a outra. Rocha Lima (1974) também havia considerado que a metonímia origina-se das ideias evocadas por outra com a qual apresentam certa interdependência.

Para Câmara Júnior (1968, p.239) a metonímia é um processo sincrônico pelo qual se multiplicam as ocasiões de emprego de uma palavra, além do seu campo semântico específico. A metonímia “coloca uma palavra num campo semântico que não é o seu, na base de agrupamentos onomasiológicos das coisas extralinguísticas que não coincidem com os agrupamentos semânticos das formas linguísticas”.

Guern (1973) alertou para o fato de a relação metonímica apresentar-se como uma relação entre objetos, num deslize de sentido (ou apenas deslize de referência) entre dois objetos ligados por uma relação extralinguística. O autor sustenta que:

A metonímia não cria uma relação completamente nova entre os dois termos que associa, visto que os objectos que estes termos designam no seu sentido próprio estão já em relação com a realidade exterior, mesmo antes de serem nomeados, e independentemente da maneira como são nomeados (GUERN, 1973, p.136-137).

A citação acima permite afirmar que tais considerações acerca da metonímia estão condizentes com a concepção de que, para cada nome, há um correspondente no mundo e que, quando esse mesmo nome é usado para indicar outro referente, há conseqüentemente um “desvio de referência” (GUERN, 1973, p.154), uma “translação de sentido” (BECHARA, 1977, p.341), a colocação de “uma palavra num campo semântico que não é o seu” (CÂMARA JÚNIOR, 1968, p.239). Dessa forma, a possibilidade de se fazer

uso de uma palavra para se referir a outra, perpassa pela observância das duas entidades envolvidas, que precisam, necessariamente, ter alguma relação de contiguidade, externa à linguagem. Esse “quesito” remete ao que Filipak (1983) defendeu ao declarar que a metonímia se resolve nas realidades ontológicas do mundo exterior, em consonância com a crença de que a realidade está discretizada independentemente das experiências corpóreas e sociais.

Nos termos postos, esses posicionamentos pautam-se nas seguintes características atribuídas à metonímia: ela não depende exclusivamente do sujeito, é tida como um deslize de referência e baseia-se numa relação objetiva entre objetos. A função referencial da linguagem se mostra extremamente produtiva em relação à substituição de um termo pelo outro, sobretudo em relação ao processo de transferência de referência entre objetos. Por isso os estudos tradicionais têm sua compatibilidade a essa visão de linguagem e de referência. Contudo, se há, neste trabalho, o reconhecimento do longo e do produtivo trabalho da tradição na caracterização da metonímia, reconhece-se também, aqui, que a concepção que vigorou até o momento não foi suficiente para abranger as ilimitadas possibilidades de ocorrências desse fenômeno que apresenta as filigranas de seus sentidos para além da substituição de palavras.

Faraco (2003, p.85)¹⁶, em sua gramática, ainda que não faça menção a Lakoff & Johnson, aparentemente, baseia-se nesses autores para explicar que “a metonímia nasce de um mecanismo cognitivo”. O autor lança mão de termos como *percepção* e *implicatura*, conceitos caros à compreensão do modo metonímico de se fazer linguagem. Embora Faraco talvez reconheça a emergência da Semântica Cognitiva no estudo da metonímia, ele ainda mantém uma listagem tradicional como mecanismo de explicação do fenômeno.

¹⁶ FARACO, Carlos Alberto. **Português: língua e cultura**, ens. méd., Vol. Único. Curitiba: Base Editora, 2003.

1.3.1 Por uma taxonomia da metonímia

Ricoeur (2005, p. 95) considera que a metonímia se desdobra conforme uma variedade de relações que satisfazem a condição geral da correspondência: relação da causa ao efeito, do instrumento ao fim, do continente ao conteúdo, da coisa ao seu lugar, do signo à significação, do físico ao moral, do modelo à coisa.

Fontanier (apud GUERN, 1968, p.30) já havia situado a metonímia no campo da relação de *correspondência* que foi compreendida pela relação que aproxima dois objetos dos quais cada um forma ‘um todo absolutamente à parte’. Por *correspondência*, o retórico oitocentista entende algo bem diferente da *contiguidade* à qual a posterioridade reduziria o funcionamento da metonímia.

Genette (1972) e Filipak (1983) fornecem a seguinte classificação da metonímia aos moldes da classificação defendida pelo retórico oitocentista:

(A) METONÍMIA DE CAUSA. (1) De causa suprema e divina: Os antigos empregavam o nome de Júpiter, pelo ar; de Baco, pelo vinho; de Marte, pela guerra; de Netuno, pelo mar. (2) De causa ativa, inteligente e moral: Ocorre esta metonímia quando dizemos que vamos ler Camões, Castro Alves, Dalton Trevisan, em lugar de suas obras. (3) De causa instrumental e passiva: Esse tipo de metonímia ocorre quando empregamos uma pena de ouro, uma pena brilhante ao aludirmos a um escritor de nomeada; um pincel de mestre, um pincel delicado ao evocarmos um pintor de renome. (4) De causa física e natural: Ocorre quando alguém diz que não gosta do sol e do inverno, quando na realidade ele não gosta do calor e do frio. Dizemos: ter bons olhos, ter olho clínico, por ter bom gosto; ter ouvido fino, por gostar de música; ter bom paladar, por gostar de comer; ter bom faro, pela acuidade em perceber odores. (5) De causa abstrata e metafísica: Esta ocorre quando se diz as bondades, as ternuras, as injustiças, as amizades pelos atos ou traços que partem da bondade, da amizade, da injustiça.

(B) METONÍMIA DE INSTRUMENTO. O pincel do pintor, a pena do escritor origina as metonímias: ele é um grande pincel, ele é um excelente pena.

(C) METONÍMIA DE EFEITO. Ocorre em os filhos de Marte, em lugar de guerreiros; os filhos do exílio, em lugar de desterrados; os filhos de Eva, em lugar de homens.

(D) METONÍMIA DE CONTINENTE. Empregam-se os lexemas o vaso, o copo, o cálice pelo líquido contido nos mesmos, como: cálice de vinho. Emprega-se o nome do país, da cidade, da vila, da terra, ou lugar pelos seus habitantes. Ex.: A Argentina (os argentinos) vende trigo ao Brasil (aos brasileiros). O Vaticano (o Papa) condena o

aborto. A Casa Branca (o governo americano). Emprega-se também céu e inferno em lugar de Deus e o Diabo (o céu luta contra o inferno).

(E) METONÍMIA DE LUGAR. Emprega-se o nome do lugar onde a coisa se fabrica ou produz pelo produto ou artefato. Assim se diz: fumar um Havana, tomar um Porto, tomar um morreteana (aguardente de Morretes).

(F) METONÍMIA DO SIGNO PELA COISA SIGNIFICADA. Emprega-se o trono pelo poder real; o altar pela dignidade sacerdotal; a tiara pelo papado, a toga pela magistratura; a espada pelas armas; a águia branca pela Polônia; a cruz pelo cristianismo, a bandeira pela Pátria, o verde-amarelo pelo Brasil.

(G) METONÍMIA DO FÍSICO. Designam-se afetos, sentimentos, hábitos, qualidades morais pelas partes físicas do corpo. Ex.: ter coração (ter sentimentos, piedade e amor ao próximo); ter cabeça (ser inteligente, prudente, sagaz e esperto); ter ouvidos (ter compaixão, piedade de alguém); ter muque (ter força, ânimo e coragem); ter raça (ter força, resistência e coragem).

(H) METONÍMIA DA COISA. Designa-se o sexo das pessoas pelas coisas que são próprias do seu uso. Assim, nos banheiros de repartições públicas pinta-se um chapéu, uma cartola, uma bengala, um charuto para designar o reservado dos homens. Pinta-se batom, bolsas, luvas, sombrinha ou sapato de salto para denotar o banheiro de senhoras (FILIPAK, 1983, p.144).

Segundo Filipak (1983, p.142), a atividade referencial da metonímia foi antevista por Fontanier. Nesse sentido, Ricoeur (2003) notou que a relação de correspondência aos moldes de Fontanier liga objetos antes de idéias, e que o deslocamento das designações de nomes regula-se sobre a relação objetiva.

Aparentemente simplificada, a classificação da metonímia por Fontanier serviu, no entanto, de base para a apresentação da metonímia em gramáticas tradicionais e livros didáticos. Notam-se algumas peculiaridades que não se encontram em gramáticas e em livros didáticos. Para fins de reflexão, serão elencadas algumas idiosincrasias presentes em Fontanier:

A (1) *metonímia de causa* é apresentada por Fontanier em âmbito genérico englobando uma gama de subespécies metonímicas que serão posteriormente apresentadas, por gramáticas tradicionais, separadamente enquanto metonímias independentes.

Na abordagem de gramáticas e de livros didáticos a (7) *metonímia do físico* e a (8) *metonímia da coisa* são desconhecidas nesses termos. No lugar de se

considerar *metonímia do físico e metonímia da coisa* foi considerada posteriormente, apenas a tipologia *parte pelo todo*.

A taxonomia de Fontanier encontra eco, no futuro, na forma de uma extensa lista de relações como observada em Cegalla:

Tabela 1 – Lista de relações metonímicas

Definição (1)	Exemplo
O efeito pela causa	<i>Itamar Franco morreu de leucemia.</i> (leucemia = a causa; a morte = o efeito)
O autor pela obra	<i>Precisei ler Aristóteles para fazer a pesquisa.</i> (Aristóteles = a obra de Aristóteles);
O continente pelo conteúdo	<i>O criminoso havia bebido dois copos de cerveja.</i> (copos = continente;cerveja = conteúdo)
O instrumento pela pessoa que o utiliza	<i>Apito capixaba corre o mundo.</i> (apito = árbitro de esporte);
O sinal pela coisa significada	<i>O casamento do príncipe William e Kate Middleton agitou os bastidores da Coroa.</i> (Coroa = família real)
O lugar pelos seus habitantes ou produto	<i>O Brasil paga muitos impostos.</i> (Brasil = brasileiros); <i>Ele fumou um havana para comemorar o nascimento do filho.</i> (havana = charuto)
O abstrato pelo concreto	<i>A adolescência passa grande parte do seu tempo conectada à internet.</i> (adolescência = adolescentes)
A parte pelo todo	Toda vez que via um rabo de saia, ele suspirava. (rabo de saia = mulher)
O singular pelo plural	<i>O capixaba diz “pocar”.</i> (o capixaba = os capixabas)
j) A espécie ou a classe pelo indivíduo	<i>O professor reivindica por melhores salários.</i> (o professor = a classe docente)
O indivíduo pela espécie ou classe	<i>O cachoeirense completou 70 anos.</i> (cantor Roberto Carlos = indivíduo; cachoeirense= espécie)
A qualidade pela espécie	Os <i>vegetais</i> (plantas)
A matéria pelo objeto	O medingo pedia na porta da igreja qualquer <i>níquel</i> . (moeda)

(1) Fonte: CEGALLA, 2008, p.616-617

Nota: exemplos nossos

A divisão da metonímia, expressa na forma de imensa lista de ocorrências, refletiu-se nos manuais de ensino. Conforme Genette (1972, p. 208), essa é uma divisão lógica, baseada em fatos lógicos, o que, de certa forma, não se pode negar. No entanto, aquela listagem retórica, reflete também, como já o disse Radden (2005), operações com noções conceptuais e não meramente lógicas.

1.3.2 Consequências da tradição no ensino moderno

1.3.2.1 Nos livros didáticos

Embora esta pesquisa não esteja voltada especialmente ao ensino, é pertinente observar como a metonímia é apresentada em manuais didáticos, pois isso se reflete na maneira como o alunado se orienta em relação ao fenômeno.

A metonímia é descrita por Rodella et al. (2005, p.91) como uma forma de inclusão entre as palavras, com base na explicação de que o conceito que uma palavra exprime está incluído no conceito que outra palavra representa. Nesses termos, substituir o autor pela obra, o continente pelo conteúdo, a causa pelo efeito e vice-versa, a matéria pelo objeto, a marca pelo produto, o concreto pelo abstrato e vice-versa, o singular pelo plural e vice-versa, são, conforme Rodella et al. (2005), formas comuns de uso da metonímia.

Nessa mesma via, Griffi (2005, p.312) analisa a metonímia como uma figura de linguagem que se usa quando uma palavra substitui outra que tem com ela uma relação de inclusão, considerando-se que “[...] na metonímia existe uma relação real entre o que se quer dizer e o que efetivamente se diz. Não é um simples uso arbitrário, como na metáfora.” Nesse livro didático, não são listadas as taxonomias.

Ferreira (1992) também expõe, em seu livro didático, que a metonímia é explicada por meio de uma relação de substituição entre os termos.

Mediante o exposto, na maioria dos livros didáticos há apenas o enfoque da substituição de palavras, o que culmina numa visão redutora. O próprio

Fontanier (e outros já citados) já havia deixado transparecer que a metonímia ultrapassa o âmbito da substituição. Entretanto, a apresentação da metonímia em gramáticas e livros didáticos se expressa em forma de listas prontas que geralmente induzem o estudante a decorar as relações, e meramente identificá-las em expressões linguísticas, que em sua maioria são retiradas de textos literários.

As relações de contiguidade acerca da metonímia, que foram incansavelmente listadas e reproduzidas por manuais tradicionais, são compreendidas pela Semântica Cognitiva como fruto de uma sistematicidade concernente ao nosso modo de pensar e de agir. Por meio de esquemas de imagem e de motivações pragmáticas, as pessoas fazem distinção conceptual entre as entidades envolvidas. Trata-se de uma manifestação de um tipo de raciocínio (raciocínio inferencial, ou metonímico, ou metonímico inferencial) quando se produz ou se compreende uma expressão ou termo linguístico que propaga uma metonímia.

A habilidade de ativar inferências metonímicas implica em inferir totalidades a partir das partes ou vice-versa. A taxonomia metonímica tradicional parece, portanto, incluir-se num quadro de inferência.

Vale destacar que diversos livros didáticos silenciam sobre a metonímia. Os livros didáticos de Cereja & Magalhães (2003); Infante (2001); Landeira & Bittencourt (2004) não trazem conteúdos referentes ao estudo da metonímia.

Da mesma forma o fazem as gramáticas de Cunha & Cintra (2001), de Melo (1970) e de Celso Cunha (1985). Isso se explica pela proposta própria desses autores que focam suas abordagens nos aspectos descritivos e formais da língua. Entretanto, a importância da metonímia liga-se tanto a sua natureza referencial e inferencial, sendo esta última importantíssima para a leitura e compreensão do texto quanto aos aspectos da tessitura textual no que concerne à coesão textual.

1.3.2.2 Metonímia e Coesão Textual

Num contexto em que a maioria dos concursos seletivos utiliza a redação como um dos requisitos para aprovação do candidato, este precisa ter competência textual para expressar opiniões e posicionar-se, por meio da escrita, diante dos temas transversais que lhe serão apresentados não apenas nos concursos, mas ao longo da vida. Atualmente, “a escrita recebe uma avaliação social bastante saliente e sua relevância na sociedade contemporânea é indiscutível” (MARCUSCHI & HOFFNAGEL, 2007, p.85). Entretanto, há um descompasso entre o que é ensinado na escola e o que é pedido nos concursos. Geralmente, o aluno pouca presencia a prática do exercício da leitura e da escrita formal no ensino médio, e, quando se depara com a redação, sente-se impotente e com pouca competência discursiva para escrever o que se pede, atribuindo à redação o mito de ser um “monstro de sete cabeças”.

Diferentemente dessa concepção, o uso do texto é uma forma de se valorizar a leitura e a escrita. Mas, qual o segredo para a construção do texto? “[...] A construção de um texto exige a realização de atividades cognitivo-discursivas que vão dotá-lo de certos elementos, propriedades ou marcas, os quais, em seu inter-relacionamento, serão responsáveis pela produção de sentidos” (KOCH, 2008, p.7).

É nesse construto que os elementos coesivos trazem implicações para o sentido. A metonímia, por exemplo, é usada com bastante frequência como elo de coesão.

[...] Muitas vezes, a (re)ativação de referentes, a partir de pistas expressas no texto, se dá via inferenciação. Pode-se inferir, por exemplo, o todo a partir de uma ou de algumas partes; um conjunto a partir de um ou mais subconjuntos, o gênero ou espécie a partir de um indivíduo; enfim, conhecimentos que fazem parte de um mesmo ‘frame’, ou ‘script’, a partir de um ou vários de seus elementos explícitos na superfície textual ou vice-versa (KOCH, 2008, p. 47).

É assim que a metonímia é um recurso fino de coesão na medida em que é capaz de ligar conceptualmente conceitos em torno de um domínio cognitivo, como o domínio de *Governo Americano*, por exemplo:

- (Ex. 02) *“Obama retirou as tropas do Iraque. A Casa Branca, no entanto, mantém a carnificina no Afeganistão”.*

Além disso, Gibbs (1999, p.68, tradução nossa) refere-se à função da metonímia em anáforas conceptuais que são mais frequentes na conversação¹⁷: (Ex. 03) *“Eu preciso ligar para a garagem. Eles disseram que ficará pronto às cinco horas”*, cujo pronome *“Eles”* refere-se anaforicamente não à garagem como um lugar, mas às pessoas que trabalham naquele setor.

Assim, *“garagem”* é um ponto de referência metonímico. O local de trabalho representa os funcionários. Pode-se acrescentar outros exemplos em que o processo anafórico tem relação com o processo cognitivo da metonímia:

- (Ex.04a) *Ontem fui a uma festa de formatura. O Reitor mandou um substituto.*
- (Ex. 04b) *Ontem fui a uma festa de formatura. As becas eram lindas.*
- (Ex.04c) *Ontem fui a uma festa de formatura. O professor homenageado se emocionou.*

“Reitor”, “becas” e *“professores”* são termos anafóricos. Eles fazem parte de uma totalidade (festa de formatura). Conforme o enfoque do observador, alguma parte do evento é posta em destaque numa perspectiva gestáltica. A relação metonímica *parte pelo todo* explica, aqui, a ocorrência da anáfora.

Para a Semântica Cognitiva, a metonímia se apresenta sob os mais variados propósitos, como fazer inferências, julgamentos rápidos, etc. Isso porque, as entidades não são concebidas por meio de uma referência no mundo, mas por

¹⁷ *“I need to call the garage. (Where my car was being serviced). They said they ‘d have it ready by five o’clock”*(GIBBS, 1999, p.68).

meio do modo como são experienciadas. Nessa perspectiva, a metonímia é concebida a partir da relação entre duas entidades conceptuais, a fonte e o alvo, em um mesmo domínio conceptual. Por meio de uma fonte, acessa-se mentalmente o alvo, conforme Lakoff (1987, p. 78-80). A metonímia é concebida com um processo cognitivo que embasa nosso modo de pensar e de agir no que diz respeito a categorias cognitivas/linguísticas.

Na esteira dessa reflexão, Lakoff (1987, p. 292, tradução nossa) revela que o “significado não é uma coisa; ele envolve o que é significativo para nós. Nada é significativo em si mesmo. A significação deriva da experiência, da atuação como um ser de um certo tipo em um ambiente de um certo tipo”¹⁸. O uso efetivo da linguagem se dá, portanto, a partir das experiências físicas e sociais. O modo de conceber a construção do significado com base em experiências revela uma nova abordagem acerca do uso dos processos metafóricos e metonímicos.

¹⁸ “Meaning is not a thing; it involves what is meaningful to us. Nothing is meaningful in itself. Meaningfulness derives from the experience of functioning as a being of a certain sort in an environment of a certain sort” (Lakoff, 1987, p.292).

2 LINGUÍSTICA COGNITIVA: ASPECTOS TEÓRICOS E EPISTEMO-METODOLÓGICOS

*Language, as we use it,
is but the tip of the iceberg of cognitive construction.*
(Gilles Fauconnier)

A Linguística Cognitiva desenvolveu-se inicialmente na Califórnia, no final de 1970 e início de 1980, tendo Lakoff como um de seus maiores representantes. Nos termos de Salomão (2009, p. 20) a doutrina de Chomsky, ‘edipianamente repudiada’, está na “matriz arqueológica” da Linguística Cognitiva. Nos anos 60 do século passado Lakoff, por exemplo, fazia parte dos estudos relativos à Semântica Gerativa, “movimento cismático do paradigma gerativo-transformacional” (SALOMÃO, 2009, p.20).

Em linhas gerais, a autora destaca algumas das questões que motivaram o surgimento da Semântica Gerativa que conseqüentemente culminou no advento da Linguística Cognitiva. Na abordagem de Chomsky, não se observou o tratamento da questão do sentido com o mesmo vigor que fora atribuído à sintaxe. Conforme Salomão (2009) o paradigma gerativo desconsiderou uma importante característica das línguas humanas: as produções históricas – sua idiomacidade. Tanto a questão do sentido, quanto a questão das características históricas inerentes à língua não foram privilegiadas, uma vez que Chomsky dirige seu foco à autonomia da linguagem com destaque para os princípios inatos, como a competência de um sujeito cognitivo representado por falante e ouvinte ideais (SALOMÃO, 2009). Nessa visão, a linguagem é considerada um sistema que independe de outros módulos cognitivos.

Cabe ressaltar que a gramática gerativa é uma gramática cognitiva, na medida em que seu objeto de investigação é a linguagem como faculdade mental. As estruturas mentais que constituem o conhecimento também são objeto de estudo do Gerativismo. Admite-se ainda que não possa haver conhecimento

sem a existência de uma representação mental, mediadora na relação epistemológica entre sujeito e objeto (SILVA, 1997).

Por outro lado, a Linguística Cognitiva percebe a linguagem como uma capacidade cognitiva que interage com outras capacidades não-linguísticas (percepção, memória, capacidades sensório-motoras, integração social), na construção e expressão do significado. Nesta abordagem não se admite um falante/ouvinte ideal, mas sim “um sujeito cognitivo em situação comunicativa real, que produz significados como construções mentais” (SALOMÃO, 1999, p.21), sancionadas pela função cognitiva da linguagem. Nesse particular, Silva (1997) apregoa a diferença entre o Gerativismo e a Linguística Cognitiva nos seguintes termos:

A diferença essencial entre a gramática gerativa e a lingüística cognitiva reside na forma de se considerar a linguagem [...] A gramática gerativa interessa-se pelo conhecimento *da* linguagem (tomando-a, portanto, não como meio, mas como objecto da relação epistemológica) e procura saber como é que esse conhecimento é adquirido, ao passo que a lingüística cognitiva interessa-se pelo conhecimento *através* da linguagem e procura saber como é que a linguagem contribui para o conhecimento do mundo (SILVA, 1997, p. 61-62).

A Linguística Cognitiva traz para o centro de suas investigações o processamento da linguagem, a categorização linguística, os protótipos, os modelos cognitivos, a metáfora, a metonímia, os esquemas de imagem, a noção de figura e de fundo, dentre outros. Tudo isso submetido ao foco do experiencialismo ou realismo experiencial, paradigma filosófico que defende que as pessoas significam a realidade a partir de suas experiências biofísicas e socioculturais, em seus aspectos ontogenéticos, filogenéticos e sociogenéticos, conforme preconizado também em Tomasello (2003). Nesse sentido, Lakoff (1987) contrapõe o realismo experiencial, ao seu extremo oposto, o objetivismo filosófico.

Do ponto de vista do objetivismo filosófico, o pensamento é abstrato e descorporificado; uma manipulação mecânica de símbolos abstratos que adquirem seu significado por correspondência direta com o mundo, não havendo nenhuma relação entre razão e corpo.

Sob a perspectiva do realismo experiencial, o pensamento tem uma *base corpórea*¹⁹ e *imaginativa*²⁰. O sistema conceptual está diretamente relacionado à experiência corporal, à percepção e às experiências de caráter físico e social.

Lakoff & Johnson (2002), desenvolvem essas considerações e consolidam uma nova visão sobre o modo como as pessoas experienciam e significam o mundo em que vivem. Os autores apresentam o objetivismo ao lado do subjetivismo. Tanto um quanto o outro, são modos vigentes de compreensão das experiências. Em contraposição a esses dois modos Lakoff & Johnson (2002), sugerem uma terceira via, qual seja, a do realismo experiencial. Tomados como mitos no sentido de estarem imersos na cultura ocidental, o objetivismo e o subjetivismo são guias importantes para as pessoas organizarem suas vidas. Os autores evidenciam a necessidade dos mitos para as culturas de modo semelhante como acontece com as metáforas presentes na cultura ocidental:

[...] os mitos são necessários para fazer sentido do que se passa ao nosso redor. Todas as culturas têm mitos e as pessoas não podem viver sem eles assim como não podem viver sem a metáfora. E assim como consideramos frequentemente as metáforas de nossa cultura como verdades, do mesmo modo também consideramos frequentemente os mitos de nossa cultura como verdades (LAKOFF & JOHNSON, 2002, p. 294).

Para tanto, os autores apresentam o que cada um dos mitos defende para si, bem como o que fica de fora em tais perspectivas.

Conforme Lakoff & Johnson (2002, p.296), para o mito objetivista, a metáfora e outros tipos de linguagem poética, imaginativa, retórica ou figurada podem sempre ser evitados ao se falar objetivamente, pois seus significados não são claros nem precisos e não correspondem de um modo claro à realidade. Um dos aspectos que ficam fora dessa abordagem diz respeito ao fato de que a compreensão e, portanto, a verdade, serem necessariamente relativas aos

¹⁹ [...] the term body is used as generic term for the embodied origins of imaginative structures of understanding, such as image schemata and their metaphorical elaborations. (JOHNSON, 1987, p. xv)

²⁰ “[...] I shall argue that ‘imagination’ is a basic image-schematic capacity for ordering our experience; it is not merely a wild, non-rule-governed faculty for fantasy and creativity”. (JOHNSON, 1987, p. xx)

sistemas conceptuais culturais e que não podem se enquadrar em um sistema conceptual absoluto ou neutro.

O mito do subjetivismo por sua vez, apregoa que a linguagem da imaginação, especialmente a metafórica, é necessária para expressar os aspectos da experiência, que são únicos e mais significativos para o ser humano. No que concerne à compreensão pessoal, os significados ordinários das palavras baseados no senso comum não são suficientes. Assim, o mito do subjetivismo, não leva em consideração que a compreensão se dá em termos de um sistema conceptual, que as pessoas interagem com ambientes físicos e culturais. Do mesmo modo, o subjetivismo não considera o fato de que a compreensão metafórica envolve a implicação metafórica, que constitui uma forma imaginativa da racionalidade, conforme postulado por Lakoff & Johnson (2002). Além disso, os autores explicam que:

A razão de focalizarmos tanto nossa atenção sobre a metáfora é que ela une razão e imaginação. A razão, no mínimo, envolve a categorização, a implicação, a inferência. A imaginação em um de seus muitos aspectos implica haver um tipo de coisa em termos de um outro tipo de coisa o que denominamos pensamento metafórico. A metáfora é, pois, uma racionalidade imaginativa (LAKOFF & JOHNSON, 2002, p.302).

A citação acima permite afirmar que a metáfora antecede qualquer forma de construção linguística. Para os autores, o que os mitos do objetivismo e o do subjetivismo ignoram é o modo como se compreende o mundo por meio da interação com ele. É nesse sentido que o mito experientialista une razão e imaginação. Nessa perspectiva, também há espaço para se abordar a metonímia, que é considerada uma racionalidade imaginativa no sentido de as pessoas realçarem a parte de um todo via raciocínio metonímico, bem como fazerem inferências. O próximo item apresenta a metáfora e a metonímia sob o olhar da Linguística Cognitiva em destaque para o que foi exposto em Lakoff & Johnson (2002).

2.1 A METÁFORA E A METONÍMIA SOB A ÓTICA DA COGNIÇÃO

2.1.1 Metáforas da vida cotidiana

Para Lakoff & Johnson (2002), a maior parte do sistema conceptual ordinário é de natureza metafórica. O que permitiu que eles chegassem a essa conclusão, foi uma acurada análise de vastas evidências linguísticas. A partir da linguagem, eles passaram a identificar detalhadamente metáforas que estruturam a maneira de pensar e de agir. Os conceitos, na sua maioria, são compreendidos em termos de outros conceitos que estão estruturados em termos de metáforas e de metonímias. Os autores demonstram como um conceito pode estruturar uma rede de metáforas a partir de uma atividade. O conceito de *discussão*, por exemplo, é estruturado parcialmente pela atividade *guerra*. Isso se explica, porque a metáfora conceptual *discussão é guerra* está no sistema conceptual das pessoas.

Pode-se notar, por exemplo, a presença da metáfora *discussão é guerra* em expressões linguísticas do cotidiano, conforme exemplificam os enunciados registrados pelos autores:

- (Ex. 05a) “*Seus argumentos são indefensáveis*”;
- (Ex. 05b) “Ele atacou todos os pontos fracos”;
- (Ex. 05c) “Suas críticas foram direto ao alvo”;
- (Ex. 05d) “Destruí sua argumentação”;
- (Ex. 05e) “Jamais ganhei uma discussão com ele”;
- (Ex. 05f) “Você não concorda? Ok, ataque!”
- (Ex. 05g) “Se você usar essa estratégia, ele vai esmagá-lo; Ele *derrubou* todos os meus argumentos” (LAKOFF & JOHNSON, 2002, p.46).

Há, assim, similitude entre *guerra* e *discussão*, considerando-se a natureza combativa dos dois eventos, em que se peleia, em ambos os casos, na busca incessante da primazia, da vitória.

A recorrência da metáfora nos enunciados atesta que o ser humano não somente fala, como também age sobre discussão em termos de guerra. Muitas coisas que se fazem numa discussão são parcialmente estruturadas pela atividade guerra, pelo que se faz quando se guerreia, embora não haja batalha física como ataque, defesa, contra-ataque, etc. É nesse sentido que *discussão é guerra* é uma metáfora vivenciada culturalmente; ela estrutura as ações realizadas numa discussão. Assim, não é preciso ter participado de uma guerra para se ter o conhecimento dos elementos que a constituem. Isso é possível devido à capacidade imaginativa experiencial e à cultura na qual se está inserido. A metáfora não está meramente nas palavras usadas (LAKOFF & JOHNSON, 2002). Para os autores, os conceitos metafóricos não são construídos ao acaso. Uma metáfora pode servir como um veículo para a compreensão de um conceito em função de sua base experiencial e cultural.

O modo como os conceitos são experienciados metaforicamente expressam três tipos de metáforas: as *metáforas estruturais*; as *metáforas orientacionais* e as *metáforas ontológicas* (LAKOFF & JOHNSON, 2002).

2.1.1.1 Metáforas Estruturais

Tem-se uma metáfora estrutural, quando um conceito é estruturado metaforicamente em termos de outro: um conceito pode ser metafórico e estruturar uma atividade cotidiana. *Casamento é abdicação* é um exemplo de metáfora estrutural que fundamenta o modo de pensar e agir. Um conceito assim estruturado gera formas na língua tais como: (Ex. 06a) “*Depois que me casei, deixei de praticar esportes*”; (Ex. 06b) “*Depois que me casei parei de estudar*”. Assim, a metáfora está no próprio conceito de *casamento*.

2.1.1.2. Metáforas Orientacionais

Diferentemente das metáforas estruturais, as metáforas orientacionais não estruturam um conceito em termos de outro. A maior parte das metáforas orientacionais tem relação com a orientação espacial do tipo: *para cima – para baixo; dentro – fora; frente – trás; em cima de – fora de; fundo – raso; central – periférico*. Essas orientações espaciais estão condicionadas ao tipo de corpo que se tem e ao modo como ele funciona no ambiente físico (LAKOFF & JOHNSON, 2002).

As metáforas orientacionais dão a um conceito uma orientação espacial como, por exemplo, *feliz é para cima ou triste é para baixo*. O fato de o conceito *feliz* ser orientado *para cima* gera expressões tais como: (Ex. 07a) “*Estou nas nuvens*”. De modo semelhante, o conceito *triste* é orientado *para baixo* o que faz emergir expressões tal como: (Ex. 07b) “*A coisa mais triste pra uma garota, é ficar pra baixo por causa de um cara*”.

Essas e outras orientações metafóricas não são arbitrárias. Elas têm uma base na experiência física e cultural. Em certas culturas, o futuro está adiante do sujeito, enquanto em outras, está atrás dele, atestam Lakoff & Johnson (2002).

Há, portanto, uma sistematicidade apresentada pelas metáforas de espacialização, desencadeando uma coerência entre as demais metáforas do mesmo tipo.

3.1.1.3. Metáforas ontológicas

Para Lakoff & Johnson (2002) experiências com objetos físicos fornecem a base para uma variedade de metáforas ontológicas, isto é, as formas de se conceber eventos, atividades, emoções, ideias, etc. como entidades e substâncias. A experiência de aumento de preços, por exemplo, pode ser considerada metaforicamente como uma entidade por meio do termo *inflação*.

Assim, a metáfora ontológica *inflação é uma entidade* fornece um meio de se referir à experiência de aumento de preços, conforme os pronunciamentos a seguir retirados de jornais de grande circulação:

- (Ex. 08a) *“Considerando que a inflação continua indomável, o aumento concedido ao salário mínimo [...] já foi corroído há muito”.*
- (Ex. 08b) *“A inflação chinesa mexeu com o mercado asiático”.*
- (Ex. 09c) *“Eu não vou permitir que a inflação volte no Brasil”.*
- (Ex. 08d) *“A inflação está afetando a confiança dos consumidores, sobretudo das classes D/E da Região Nordeste”.*
- (Ex. 08e) *“A inflação, de certo, está estragando nossos salários”.*

Segundo Lakoff & Johnson (2002) a explicação para o uso de metáforas ontológicas está no fato de as pessoas tentarem lidar racionalmente com suas experiências.

Defende-se que os conceitos metafóricos, de um modo geral, têm base experiencial, coerência e sistematicidade. Isso também acontece com a metonímia que tem o seu cantinho ao sol na abordagem da Linguística Cognitiva. É sobre esse aspecto que vai tratar o próximo item.

2.1.2 Metonímias da vida cotidiana

O hábito de percepção que se tem na escolha de partes mais representativas para significar um todo perpassa pelos conceitos metonímicos que organizam o pensamento e as ações, permitindo a conceptualização de uma coisa por sua relação com outra. Ou seja, atribui-se ao uso da metonímia a possibilidade de se colocar em evidência certas características da entidade a que se faz referência. Desse modo, a metonímia:

[...] tem, pelo menos em parte, o mesmo uso que a metáfora, mas ela permite-nos focalizar mais especificamente certos aspectos da

entidade a que estamos nos referindo. Assemelha-se também à metáfora no sentido de que não é somente um recurso poético ou retórico, nem é somente uma questão de linguagem. Conceitos metonímicos (como PARTE PELO TODO) fazem parte da maneira como agimos, pensamos, e falamos no dia-a-dia (LAKOFF & JOHNSON, 2002, p.93).

Como se pode ver, a metonímia se caracteriza como um instrumento conceptual e cognitivo. Conforme apontado pelos autores acima, a metonímia, como a metáfora, é parte do nosso cotidiano, do modo como pensamos, e está baseada na experiência, é submetida a princípios gerais e sistemáticos estruturando o pensamento e a ação.

Nesse sentido, os Lakoff & Johnson (2002) usam o exemplo da metonímia *produtor pelo produto* para demonstrarem que ela está na base do pensamento e no modo de agir. Quando se pensa em um Picasso, por exemplo, não se pensa apenas em uma obra de arte, mas na relação dessa obra com o artista, isto é, sua concepção de arte, sua técnica, seu papel na história da arte, etc. Reverencia-se um Picasso mesmo que seja um esboço que ele tenha feito quando adolescente, por causa da relação dessa obra com o artista (LAKOFF & JOHNSON, 2002, p.96).

Os mesmos autores descrevem que *rosto pela pessoa* é um caso de metonímia representativo na cultura ocidental. A tradição de uso de retratos, tanto na pintura quanto na fotografia, é baseada no tipo de metonímia *rosto pela pessoa*. Constata-se novamente que “a metonímia *rosto pela pessoa* não é uma questão meramente lingüística” (LAKOFF & JOHNSON, 2002, p. 94). Na sociedade ocidental, o *rosto* é a parte mais representativa do corpo, ou seja, as principais características físicas de uma pessoa estão no seu rosto. Essa relação metonímica faz parte do nosso dia-a-dia, do modo como se conhece não apenas a fisionomia de uma pessoa, mas também outras características que podem ser inferidas por meio da observação do rosto.

Adiciona-se, como exemplo metonímico, a expressão (Ex. 09) *quebrar a cara* (e não quebrar qualquer outra parte do corpo), que veicula o sentido de uma pessoa não ser bem sucedida em algum aspecto de sua vida. A *cara* é o que

está à frente. Nesse contexto, confirma-se que *o rosto/a cara* continua sendo a parte mais representativa do corpo.

Versos da música popular *Viola Enluarada* também veiculam a metonímia *parte pelo todo*, cujas partes do corpo são tomadas para referir à totalidade de uma pessoa: (Ex. 10) “A *mão* que toca um violão/Se for preciso faz a guerra/Mata o mundo fere a terra/A *voz* que canta uma canção/Se for preciso canta um hino/Louva a morte/Viola em noite enluarada/No sertão é como espada/Esperança de vingança/O mesmo *pé* que dança um samba/Se preciso vai à luta/Capoeira [...]”

Essa canção retrata bem a época pela qual passava o Brasil que fora marcado por lutas contra a censura imposta pela ditadura. Pelo processo metonímico os termos *mão*, *voz* e *pé* fazem referência às pessoas que não se coadunavam com o estado vigente de opressão.

Ainda no que diz respeito a partes de um todo, Barcelona (2003, p. 265, *tradução nossa*)²¹ apresenta como uma instância de metonímia a relação exemplificada pelas funções atribuídas a algumas partes do corpo. Os exemplos a seguir foram apresentados pelo autor: (Ex. 11a) “*Ele tem uma mão boa*”; (Ex. 11b) “*John tem uma cabeça boa*”; (Ex. 11c) “*John tem pernas boas*”; (Ex.11d) “*Eles têm olhos bons*”. Numa relação metonímica, partes do corpo acessam habilidades inerentes às atividades das pessoas: *mão boa* representa habilidade manual; *cabeça boa*, Inteligência; *pernas boas* representam agilidade, força; olhos, agudeza da visão. A produção e a compreensão dos exemplos acima expostos estão intimamente ligadas ao processo cognitivo da metonímia.

Para se entender a metonímia como um processo cognitivo, é preciso pensá-la não como uma entidade no lugar de outra, mas entender que as entidades inter-relacionadas constituem sentido por meio de processos complexos que vão explicitar não o mero resultado de relação das partes, mas da possibilidade

²¹ “*He has a good hand; John has a good head; John has good legs. He can walk five miles without a stop; they have good eyes*” (BARCELONA, 2003, p.265)

de insuflar o surgimento de uma forma nova, resultante de um processo de pensamento.

Assim, a metonímia é considerada uma das características básicas da cognição, (Lakoff 1987) devido à naturalidade com que as pessoas tomam um aspecto bem entendido ou fácil de perceber de alguma coisa pela coisa como um todo, por algum outro aspecto ou parte dela. Tal processo não se dá de forma aleatória. Há princípios gerais (lugar pela instituição, efeito pela causa, produtor pelo produto, etc.) que estão subjacentes a algumas expressões linguísticas (Lakoff, 1987). A relação na qual o lugar é tomado pela instituição, é um exemplo de princípio subjacente às expressões apresentadas por Lakoff (1987, p.77, tradução nossa)²²: (Ex. 12a) “*A Casa Branca* não está se pronunciando”; (Ex. 12b) “*Paris* está introduzindo saias mais curtas nesta estação”; (Ex. 12c) “*Hollywood* não é mais o que era”; (Ex. 12d) “*Wall Street* está em pânico”.

Todos os exemplos, imediatamente acima, ilustram a relação *lugar pela instituição*, princípio que está subjacente às expressões linguísticas, o que caracteriza tal relação, um padrão recorrente. É válido ressaltar que os princípios gerais que instanciam metonímias diferenciam-se entre as línguas. Consequentemente, princípios gerais podem também ser considerados fatos que estão intimamente relacionados às culturas as quais as línguas pertencem.

O próximo item vai tratar de uma habilidade cognitiva inerente ao homem, a capacidade de categorizar:

²² “*The White House isn’t saying anything; Paris is introducing shorter skirts this season; Hollywood isn’t what it used to be; Wall Street is in a panic*” (Lakoff, 1987, p.77).

2.2 CATEGORIZAÇÃO CLÁSSICA E CATEGORIZAÇÃO POR PROTÓTIPOS

Lyons (1979) expõe algumas questões centrais, formuladas desde muito tempo, na busca de algumas respostas acerca do significado. Conforme o autor, há termos que são facilmente definíveis segundo alguns critérios, como o termo *vacas*, que é definido com base numa classificação biológica de gêneros e de espécies. Porém, ressalta o filósofo que há termos que fogem dos moldes aristotélicos e platônicos, como aqueles termos que não se encaixam numa taxonomia (*mesa*, por exemplo, que varia em forma e tamanho), que são abstratos (como *verdade*, *beleza*, *bondade*) e que denotam atributos (como *belas e boas*).

Naturalmente, o teórico esteja se remetendo ao modo de categorização clássico que apresenta algumas lacunas no modo de classificar os membros de uma categoria. Nesse modo de categorização, as categorias são definidas em relação a um conjunto de características necessárias e suficientes, além de apresentarem um caráter binário. As categorias apresentam-se com limites definidos e todos os membros de uma categoria têm o mesmo valor de representação. Para tanto, Lakoff & Johnson (2002, p.213) informam que o objetivismo considera que uma categoria é definida em termos de uma teoria dos conjuntos sendo categorizada por um conjunto de propriedades inerentes às entidades da categoria onde “tudo no universo está ou dentro ou fora da categoria” uma vez que os objetos que estão dentro têm todas as propriedades inerentes requeridas.

Por outro lado, sob o olhar da Semântica Cognitiva, os mesmos autores preconizam que as categorias não são fixas, nem uniformes. Elas são definidas por protótipos e são modificáveis segundo o contexto, de acordo com objetivos diversos.

Anteriormente, alguns estudiosos já questionavam o modelo de categorização clássico. Um dos estudos pioneiros, considerado alternativo à teoria clássica sobre a categorização, é atribuído a Wittgenstein. Em *Investigações Filosóficas*

(1996), o autor faz uma análise sobre a categoria *jogo* e verifica que nem todos os membros da categoria mencionada tinham em comum as mesmas propriedades que os diferenciavam dos não-jogos. Consequentemente, o filósofo constata que a categoria *jogo* é vaga e pouco distinta. Wittgenstein expõe, então, o conceito de semelhança de família ("*family resemblance*"), para explicar que as categorias são difusas e contingentes, em oposição ao conceito da tradição filosófica aristotélica ao conceber as categorias como discretas e absolutas.

Concordando com Wittgenstein (1996), Feltes (2007, p. 141) afirma que a abordagem por traços, isto é, a abordagem taxionômica, com base na eleição de algo e na exclusão de todo o resto, não pode dar conta da maioria dos efeitos prototípicos, porque não lida, e, portanto, não diferencia *background* (*fundo*) de *foreground* (*figura*) - dados imprescindíveis à percepção da radialidade, como fenômeno da mente/produção de linguagem. Também por isso não pode dar conta de modelos cognitivos de efeitos metafóricos e metonímicos.

Cuenca & Hilferty (1999), apontam que os estudos concernentes à categorização, em âmbito cognitivo têm origem nos finais dos anos 60 e início dos anos 70 em trabalhos da antropologia, como os de Berlin & Kay e em trabalhos da psicologia cognitiva, como os de Rosch. Ao tomarem as cores como objeto de pesquisa, Berlin & Kay observaram que a categorização das cores não é arbitrária, tampouco está determinada pelas palavras referidas a cada tonalidade em uma língua, mas se baseia nas cores focais, as mais básicas e mais claramente diferenciadas. Isso não impede que os limites entre uma cor e outra variem para diferentes pessoas e se fixem linguisticamente de maneiras diferentes. Nos anos 70, Rosch e demais estudiosos de sua equipe trouxeram os resultados das pesquisas em antropologia sobre as cores para o campo da psicologia e obtiveram conclusões paralelas sobre a existência de níveis de categorização no processo de classificação de entidades de nossas experiências.

As pesquisas de Rosch (1978) revelaram a existência de três níveis de organização categorial: os níveis *superordenado*, o *básico* e o *subordinado*, sendo o nível *básico*, o central no processo de categorização.

Portanto, as categorias não estão organizadas meramente em uma hierarquia do mais geral para o mais específico, porém organizadas de modo que as categorias que são mais básicas cognitivamente têm a centralidade taxonômica. No processo de aquisição, aprende-se primeiramente, e de forma mais direta, por exemplo, conceitos básicos como *gato* e *cadeira*, para, somente depois, aprenderem-se os conceitos superordenados *animal* e *móvel*, e os conceitos subordinados como *siamês* e *cadeira de dentista*. Tais níveis se expressam esquematicamente:

Tabela 2 - Níveis de organização categorial

Nível Superordenado	animal	móvel
Nível básico	gato	cadeira
Nível Subordinado	siamês	cadeira de dentista

Adaptado de Rosch (1978)

Assim, *gato* e *cadeira* são membros mais representativos, portanto detentores da centralidade, enquanto que *siamês* e *cadeira de balanço* são menos representativos, operando de modo periférico na percepção.

Nesse contexto, Lakoff (1987, p. 200) considera que os fatores que determinam a estrutura de nível básico não correspondem à Cognição Objetivista, que apregoa que a mente representa a realidade externa como se fosse um espelho da realidade. Sob o viés da Cognição Objetivista, o pensamento é uma manipulação de símbolos abstratos que produzem significados por meio de entidades e categorias no mundo. Para a Semântica Cognitiva, por outro lado, os fatores que determinam a estrutura de nível básico incluem percepção gestáltica de organização *parte-todo*, capacidade imaginativa, organização motora e organização de conhecimento.

Ao membro mais emblemático ou representativo de uma categoria, Rosch (1978) denominou *protótipo*. Assim, por meio de suas pesquisas empíricas, a pesquisadora postula a *Teoria dos protótipos*, considerando-se que, dentro de uma mesma categoria, há membros mais significativos (mais prototípicos) ao lado de membros mais periféricos (menos prototípicos). A autora identificou o protótipo como ponto de referência cognitivo no sentido de ser mais rapidamente reconhecido do que outros membros de uma categoria.

Em concordância com esses estudos, Lakoff (1987), defende a noção de efeitos prototípicos e de Modelos Cognitivos Idealizados, doravante (MCIs). As estruturas conceituais se fundamentam na experiência física e cultural e são descritas por meio de (MCIs) que, por sua vez, são fontes de efeitos prototípicos. Esses

[...] ocorrem no pensamento – para fazer inferências, fazer cálculos, aproximações, julgamentos – assim como para definir categorias, estendê-las e caracterizar relações entre subcategorias. Os protótipos exercem uma grande parte do trabalho efetivo da mente e tem largo uso em processos racionais (LAKOFF, 1987, p.145, tradução nossa)²³.

Conseqüentemente, os efeitos prototípicos constituem um papel importante na atuação do modo como se categorizam objetos, coisas, pessoas e eventos.

Categorias linguísticas, enquanto categorias conceituais, revelam efeitos prototípicos que geralmente, são concernentes a uma assimetria em uma categoria, cujo membro ou subcategoria pode ser de algum modo mais básico do que os outros membros. Conforme Lakoff (1987, p. 45), os protótipos são fenômenos superficiais, podendo ser o resultado de vários fatores como, por exemplo, casos de categorias que são difusas e sem fronteiras rígidas, de categorias com fronteiras estanques, bem como o resultado de outros aspectos da estrutura da categoria.

²³ “They are used instead in thought – making inferences, doing calculations, making approximations, planning, comparing, making judgments – as well as in defining categories, extending them, and characterizing relations among subcategories. Prototypes do a great deal of the real work of the mind and have a wide use in rational processes” (LAKOFF, 1987, p.145).

O principal tipo de efeito prototípico em categorias linguísticas, conforme Lakoff (1987, p.50-60), refere-se à assimetria entre termos marcados e não-marcados como ocorre (em algumas línguas) na *categoria morfológica* de número, cuja assimetria se evidencia entre o singular e o plural sendo este último o membro marcado da categoria em questão. O singular, por sua vez, é o membro não-marcado, sendo, portanto, cognitivamente mais básico.

Há assimetria também em *categoria fonológica* e em *categoria semântica*. Na *categoria fonológica* de articulação de consoantes sobre a vibração de cordas vocais, há assimetria entre consoantes surdas (*p*, *t* e *k*, por exemplo) e entre sonoras (*b*, *d* e *g*, por exemplo).

Na *categoria semântica*, no tocante à neutralização de contrastes, há uma assimetria parcial, por exemplo, no par *alto-baixo* (“*tall-short*”). Lakoff (1987, tradução nossa) destaca em *Qual a altura de Harry?* (“*How tall Harry?*”), que não há a sugestão de que Harry seja alto, entretanto em “*How short is Harry?*”, sugere-se de que Harry seja baixo. Lakoff (1987) também considera que apenas um dos membros do par *alto-baixo* pode ser usado com sentido neutro. Assim, *alto* em contraste com *baixo* é neutralizado; *alto* é referido como um membro não-marcado. Assim, “*tallness*” é cognitivamente mais básico que “*shortness*”, apregoa Lakoff²⁴ (1987).

O autor considera, portanto, que o termo não-marcado é um tipo de efeito prototípico no sentido de não receber marca, sendo considerado “*default*” - isto é, considerado como membro da categoria que se sobressai em relação aos outros membros. Tais relações passam pela noção de prototipia.

Mas, afinal de contas, qual a relação entre metonímia e os efeitos prototípicos? Lakoff²⁵ explica que “há uma correspondência entre efeitos prototípicos e o raciocínio de base metonímica. Cada efeito prototípico pode ser explicado por

²⁴ LAKOFF, George. **Women, fire and dangerous things**: what categories reveal about the mind. The University Chicago Press: London, 1987.

²⁵ Idem, p.152, tradução nossa.

modelos metonímicos”. Em termos mais exatos, Lakoff²⁶ defende que a “metonímia é a principal fonte de efeitos prototípicos”.

O autor demonstra como a metonímia se estrutura por meio de categorias, usando o exemplo de *mãe dona de casa*, pelo qual demonstra como a categoria *mãe* se estrutura nos moldes de seu sentido estereotipado socialmente. Visto que as categorias são em sua maior parte estruturadas em termos radiais, (elementos de uma mesma categoria afastam-se do elemento prototípico) pode-se concluir daí, com Radden & Kovecses (1999), que todas as categorias têm basicamente estruturas metonímicas.

Dessa forma, além dos exemplos de efeitos prototípicos em categorias linguísticas, Lakoff (1987) apresenta modelos cognitivos complexos de efeitos prototípicos; modelos cognitivos que se combinam para formar um grupo de modelos sendo psicologicamente mais básico que os modelos tomados individualmente. O conceito *mãe* é um clássico exemplo que se caracteriza como um modelo cognitivo complexo.

Para reforçar que a metonímia é um mecanismo mental que está para além de um mecanismo linguístico, Barcelona (2003) destaca que a metonímia não deve ser confundida com expressões linguísticas, uma vez que tanto metonímias quanto metáforas nem sempre são verbalizadas. Em muitos casos, acrescenta o autor, não existe um item lexical totalmente convencional para denotar o domínio fonte de uma categoria, como acontece com o modelo *mãe dona de casa*, que é considerado um protótipo da categoria *mãe*. Lakoff (1987) considera que *mãe dona de casa* representa uma categoria inteira na definição de expectativas culturais de *mãe*. Assim, o que prevalecerá será o modelo básico, porém, outros modelos de *mãe*, à medida que aspectos culturais avançam, vão se agregando a esse conceito. Esse é um tipo de arranjo capaz de acontecer repetidamente em torno de outros elementos geradores de sentido.

²⁶ Idem, p.79, tradução nossa.

2.3 ESQUEMAS, MODELOS E MAPEAMENTOS

2.3.1 Esquemas de Imagem

Da mesma forma que Rosch (1978) destacou a importância do nível básico no processo de categorização, Johnson (1987) enfatiza a importância dos esquemas de imagem que funcionam mais ou menos como uma estrutura abstrata de imagens e assim conecta diversas experiências recorrentes que manifestam essa estrutura. É por isso que Lakoff (1987) assegura que conceitos de nível básico e de esquema de imagem são diretamente compreendidos em termos de experiência física além de fornecerem base para uma teoria de estrutura conceptual geral. Alguns tipos de esquemas de imagem são *container*, *parte-todo*, *ligação*, *centro-periferia*, *origem-percurso-meta*, etc. que são originários da experiência corpórea com objetos físicos.

Essas experiências também são transferidas para conceitos mais abstratos. Quando se compreende certos acontecimentos como tendo uma estrutura abstrata, compreende-se essa estrutura em termos de esquemas de imagem.

Lakoff (1987) destaca que o ser humano tem a capacidade de formar conceitos complexos e categorias gerais, usando esquemas de imagem, dispositivos de estruturação que permitem as pessoas construir estruturas complexas de evento e de taxonomias com categorias superordenadas e subordinadas.

Uma vez que as dimensões naturais das categorias (perceptual, funcional, etc.) surgem de interações das pessoas com o mundo, as propriedades descritas por essas dimensões não são propriedades dos objetos *em si mesmos*, mas são antes propriedades interacionais baseadas no aparato perceptual humano, nas concepções humanas, etc. (LAKOFF & JOHNSON, 2002, p.267).

Conforme Lakoff (1987, p.180), grande parte da discussão sobre categorização dentro da literatura filosófica, psicológica e antropológica está focada em objetos concretos como plantas, animais, artefatos, pessoas. Entretanto, o autor afirma que os domínios abstratos, como emoções, linguagem, instituições sociais sejam mais importantes que os domínios físicos para se estudar a mente, uma vez que a estrutura conceptual dos domínios abstratos não pode ser considerada meramente como um espelho da realidade. O autor acrescenta que a linguagem humana fornece uma rica fonte de exemplos de categorização que não é apenas abstrata. As emoções, por exemplo,

[...] são vistas frequentemente como sentimentos desprovidos de qualquer conteúdo conceptual. Entretanto, além da sensação que sentimos, impomos uma compreensão diante do que estamos sentindo. Quando atuamos em nossas emoções, atuamos não somente com base na sensação, mas igualmente com base naquilo que compreendemos. Conceitos emocionais são assim exemplos bem claros de conceitos que são abstratos, mas que têm, obviamente, uma base na experiência corporal (LAKOFF, 1987, p. 377, tradução nossa)²⁷.

Nesse excerto, o autor aponta que as emoções e os sentimentos são estruturados por meio de experiências corpóreas.

Kovecses (2003) aprofundou-se no estudo da linguagem, da cultura e dos sentimentos humanos e, apresenta expressões metonímicas que veiculam conceitos relacionados à emoção como *estar transtornado* para o conceito *raiva* bem como *estar com os pés frios*, para o conceito *medo*. Conforme o autor, a expressão *estar transtornado* veicula a metonímia *agitação física representa raiva*, e a expressão *ficar com os pés frios* veicula a metonímia *queda na temperatura do corpo representa medo*. O autor segue explicando que conceitos de emoção (*raiva*, *medo*, por exemplo) são vistos cada um como uma totalidade contendo partes ou elementos. Nesse sentido, a expressão *estar transtornado* veicula parte do conceito da totalidade (*estar com raiva*), assim como *estar com os pés frios*, que indica uma parte do todo (*estar com*

²⁷ “[...] Emotions are often viewed as feelings devoid of any conceptual content. But in addition to feeling what we feel, we also impose an understanding on what it is that we feel. When we act on our emotions, we act not only on the basis of feeling but also on the basis of that understanding. Emotional concepts are thus very clear examples of concepts that are abstract and yet have an obvious basis in bodily experience” (LAKOFF, 1987, p. 377).

medo). Acrescentam-se ainda, *calafrio* e *frio na barriga*, sensações provocadas pelo medo, nervosismo, ansiedade ou expectativa, conforme exposto nos exemplos abaixo:

- (Ex. 13a) “*O acidente no Play Center no último domingo [...] é de provocar calafrios mesmo em quem nunca sentiu medo de se aventurar em brinquedos radicais de parques de diversão*” (VEJA Online, 2011).
- (Ex. 13b) “*Apesar de experiente, Glória ainda mantém a expectativa e o frio na barriga para a estréia. ‘Com 50 anos de carreira nas costas, sempre que piso no palco eu sinto a boca seca, as pernas tremem e dá aquela vontade de ir ao banheiro. Não adianta, sempre dá aquele medo’, contou*” (GLOBO Online, 2011).
- (Ex. 13c) “[...] *A primeira coisa foi uma tristeza, uma tristeza muito grande e um frio na barriga. Ficamos ainda mais abalados depois que vimos na TV a morte da menina*” (RECORD Online, 2000).

Salomão (2005, p.29) acrescenta que a linguagem das emoções tem óbvia motivação metonímica. “A raiva, por exemplo, costuma gerar reações corporais tais como taquicardia, elevação de temperatura do corpo, avermelhamento das faces, transpiração”. A autora apresenta os seguintes exemplos: (14a) “*Cheguei quente para falar com ela*”; (14b) “*Perdi o controle e explodi*”; (14c) “*Se você quer brigar e acha que com isso estou sofrendo, se enganou, meu bem: pode vir quente que eu estou fervendo*”, que veiculam um significado metonímico.

Kovecses (2003) ao analisar o sentido de *girlfriend*, destaca que o termo *friend* pode ser usado para expressar um aspecto do conceito *amor*, uma vez que *amor*, pelo menos em termos idealizadores, implica ou assume *amizade* entre duas pessoas. Assim, nesse contexto, emerge a metonímia *amizade representa amor*.

Em português temos a emergência da expressão *amizade colorida* que se refere a um tipo de relacionamento efêmero, diferente do namoro, que geralmente exige alguma forma de compromisso entre as partes envolvidas.

Assim, o conceito *amizade* faz parte do MCI de relacionamento amoroso/afetivo entre um casal. O item a seguir apresenta uma abordagem mais acurada do que são os MCIs.

2.3.2 Modelos Cognitivos Idealizados

Em oposição à semântica de condições de verdade, Lakoff (1987) baseia-se nos MCIs. Para o autor uma importante habilidade que o ser humano tem é a capacidade geral de formar MCIs que são compreendidos como estruturadores da experiência humana. Eles são construídos socialmente e estão disponíveis na cultura. Dessa forma, uma estrutura conceptual se fundamenta na experiência física e cultural e somente pode ser descrita por meio de MCIs e não por meio de valores de verdade como utilizados na lógica proposicional. E isso vale para a metonímia, ao ser considerada como a relação entre entidades conceptuais presentes no sistema de conceptualização por meio dos MCIs, ela é um mecanismo não-proposicional, o que a caracteriza para além do seu uso referencial.

“Nós usamos Modelos Cognitivos ao tentar entender o mundo” (LAKOFF, 1987, p.118, tradução nossa)²⁸. Eles são idealizados porque não precisam se ajustar objetivamente à realidade extralinguística.

[...] modelos cognitivos em nosso sentido *não são representações internas da realidade externa*. Não são por duas razões: primeiramente, porque são compreendidos nos termos da corporificação, não nos termos da conexão direta com o mundo externo; e em segundo, porque incluem aspectos imaginativos da cognição tais como a metáfora e a metonímia (LAKOFF, 1987, p.341, tradução nossa)²⁹.

Sob a abordagem da Linguística Cognitiva, defende-se, então, que a construção do sentido não está pronta ou dada no mundo, mas os significados

²⁸ “We use cognitive models in trying to understanding the world” (LAKOFF, 1987, p.118).

²⁹ “[...] cognitive models in our sense are not *internal representations of external reality*. They are not for two reasons: first, because they are understood in terms of embodiment, not in terms of direct connection to the external world; and second, because they include imaginative aspects of cognition such as metaphor and metonymy” (LAKOFF, 1987, p.341).

se constroem, dentre outros modos, por meio de MCIs. Lakoff (1987, p.318, tradução nossa) afirma que os “conceitos apenas existem em virtude de serem corporificados num ser. Um sistema conceptual é uma organização funcional de conceitos. O modo como os conceitos são usados é parte do que define o sistema”³⁰.

É interessante notar, conforme o autor, que as definições são feitas relativamente a modelos cognitivos que são idealizados, e não precisam ser consistentes uns com os outros. Isso permite criar e reconstruir novos paradigmas. Como exemplo, descobertas científicas podem receber outros rumos, ou seja, o que era considerado uma verdade estabelecida pode ser questionado e substituído por outra “verdade”. Foi o que aconteceu, por exemplo, com o heliocentrismo que foi substituído por outra teoria; o sol deixou de ser o centro do universo, modificando tanto o paradigma quanto o modelo de percepção do universo.

Para explicar os MCIs, Lakoff (1987) usa algumas noções tomadas da psicologia. O autor explica que os MCIs permitem distinguir entre o que é *figura* e o que é *fundo*. O que ocorre não é simplesmente uma soma de significados individuais. Para o autor, cada MCI é um todo estruturado complexo, uma *gestalt*: elegem-se diferentes perspectivas para uma determinada situação conforme o enfoque que é desejado. O autor completa que a categorização é uma forma natural de identificar um tipo de objeto ou de experiência, iluminando certas propriedades, atenuando algumas e até escondendo outras.

A expressão (Ex. 15^a, tradução nossa) “*vamos para a cama agora*”³¹ é metonimicamente compreendida no sentido de (Ex.15b, tradução nossa) *ir dormir*, (“*going to sleep*”). Esse alvo metonímico forma parte de um modelo idealizado em nossa cultura. Quando se deseja dormir, primeiramente a pessoa vai para a cama, posteriormente se deita e dorme. O conhecimento acerca dessa sequência de ações é explorado via metonímia: em referência a

³⁰ “Concepts only exist by virtue of being embodied in a being. A conceptual system is a functioning organization of concepts. The way concepts are used is part of what defines the system” (Idem, p.318).

³¹ *Let's go to bed now* (RADDEEN, 2005, p.12).

um ato inicial, evoca-se toda a sucessão de ações, particularmente, o ato central de dormir.

Uma interpretação metonímica não poderia ser evocada por situações atípicas de dormir como, por exemplo, (Ex.15c) “Vamos *dormir na praia*”³². Conseqüentemente, para a maioria das pessoas, *Vamos para a praia* não significa (Ex.15d) *ir dormir na praia*. Por outro lado, pode-se acessar mais de um alvo metonímico por meio de um mesmo ponto de referência. Assim, *ir para a cama* também é parte do MCI de *sexo*, de modo que, em um dado contexto apropriado, a sentença (15a) pode ser metonimicamente compreendida no sentido de (Ex.15e) *ir fazer sexo* (“*go have sex*”) (RADDEN, 2005, p.12, tradução nossa).

Radden & Kovecses (1999) atestam que o impacto dos MCIs sobre a metonímia pode ser constatado em mudanças semânticas de palavras na história das línguas naturais. Os mesmos autores tomam o termo *hearse* (carro fúnebre) para ilustrar que, ao longo do tempo, a expressão envolveu diferentes MCIs, até se chegar à significação atual. Assim, originalmente *hearse* denotava um rastelo triangular com pregos; posteriormente, o termo ampliou-se metaforicamente, para indicar o suporte de velas para serviços de igrejas, evocando, com isso, a parte funcional mais saliente do objeto. O suporte e as velas eram (e são) usados em eventos especiais como Semana Santa, relacionada à crucificação de Cristo. Assim, o termo passou a evocar metonimicamente os eventos mencionados. Próximo passo foi o MCI de crucificação de Cristo referindo-se, metonimicamente, à morte de pessoas, e depois a carro fúnebre. Desse modo, os diferentes sentidos que o termo *hearse* foi albergando, ao longo do tempo, são o resultado dos diferentes tipos de processos metonímicos produzidos cognitivamente.

Nesse mesmo sentido, Abreu (2002), ao considerar que os processos cognitivos estão estreitamente ligados a fatores históricos e culturais, ilustra

³² *Let's go to the beach* (et seq.).

que o uso do termo *fuzil* tem origem metonímica. Inicialmente, o termo se referia a apenas a uma parte metálica de armas de fogo utilizadas por soldados de infantaria. Por metonímia, a arma como um todo passou a ser denominada *fuzil*.

De acordo com Lakoff (1987, p.111), quando as categorias são estendidas no curso da história, há alguma base cognitiva para tal extensão. E para que sejam adotadas no sistema, isto é, convencionalizadas, as categorias devem fazer sentido para os falantes, que fazem uso das inovações de parte de seu sistema linguístico, que é, antes de tudo, um sistema cognitivo.

Os MCIs subdividem-se, de acordo com Lakoff (1987, p.113-114), em quatro tipos básicos de modelos cognitivos: (i) modelos cognitivos de *esquema de Imagem*, (ii) modelos cognitivos *proposicionais*, (iv) modelos cognitivos *metafóricos* e (v) modelos cognitivos *metonímicos*.

Os primeiros, os (i) modelos cognitivos de *esquemas de imagem* identificam imagens esquemáticas, por exemplo, trajetórias e distinção de formas.

Os (ii) modelos cognitivos *proposicionais* especificam os elementos, suas propriedades e as relações que os envolvem. A maior parte do conhecimento linguístico humano está estruturada sob a forma de modelos cognitivos proposicionais. Tais modelos cognitivos são subdivididos em proposição simples, feixe de traço, taxonomia, categoria radial e frame, cenário ou script (LAKOFF, 1987).

Os (iii) modelos cognitivos *metafóricos* são mapeamentos de um modelo esquemático proposicional ou de imagem em um domínio a uma estrutura correspondente em outro domínio. A metáfora do *condutor* para a comunicação, por exemplo, pressupõe o conhecimento sobre o transporte de objetos em contêineres sobre uma compreensão da comunicação como transportes de ideias em palavras (LAKOFF, 1987).

Os (iv) modelos cognitivos *metonímicos* são mapeamentos de um modelo cognitivo *proposicional* ou de um modelo cognitivo de *esquema de imagem* em um domínio.

Para Lakoff (1987, p. 154), os modelos cognitivos *proposicionais* e os modelos cognitivos de *esquema de imagem* caracterizam estruturas conceituais. Por outro lado, tanto os modelos cognitivos *metafóricos* quanto os modelos cognitivos *metonímicos* caracterizam mapeamentos que fazem uso de modelos estruturais.

Nessa direção, MCIs podem capturar melhor os processos metonímicos. O conceito de MCI inclui não somente conhecimento enciclopédico das pessoas de um domínio particular, mas também, de modelos culturais dos quais elas fazem parte.

Um mapeamento metonímico, por exemplo, é representado pelo esquema de imagem *origem-percurso-meta*. Esse mapeamento ocorre dentro de um único domínio conceptual que é estruturado por um MCI. Assim, parte-se de um domínio-fonte para se atingir um domínio-alvo, ambos inseridos num mesmo MCI.

Os modelos cognitivos *metonímicos* apresentam fontes metonímicas de efeitos prototípicos que se caracterizam pelos estereótipos sociais, pelos exemplos típicos, pelos ideais, pelos padrões, pelos geradores, pelos submodelos e pelos exemplos salientes. Os modelos cognitivos *metonímicos* representam uma estrutura *parte-todo*³³, podendo haver, assim, uma função de uma parte que esteja representando uma totalidade.

Na sequência, apresentam-se os tipos de modelos cognitivos metonímicos bem como suas principais características.

³³ Não há necessidade de se fazer distinção entre metonímia e sinédoque. “[...] Estamos incluindo como um caso especial de metonímia o que retóricos tradicionais chamaram de sinédoque, em que a parte representa o todo [...]” (LAKOFF & JOHNSON, 2002, p. 92).

2.3.2.1. Modelos Cognitivos Metonímicos

Conforme Lakoff (1987), na teoria cognitiva, os casos em que alguma subcategoria, membro ou submodelo é usado para a compreensão da categoria em sua totalidade são representados por modelos cognitivos metonímicos, que são também casos de metonímia. Assim, no sistema conceptual humano, existem vários modelos metonímicos, que são fontes de efeitos prototípicos. Conforme Lakoff (1987), modelos metonímicos têm um *status* cognitivo, porque fazem parte do raciocínio para os mais variados propósitos, como aqueles em que um membro ou subcategoria pode representar metonimicamente uma categoria inteira, para fazer *inferências, cálculos, aproximações, planos, comparações e julgamentos*, que são práticas recorrentes do cotidiano. Por isso, conforme o autor, as fontes metonímicas de efeitos prototípicos estão em desacordo com a visão objetivista de mundo. Diversos casos de fenômenos prototípicos simplesmente não são usados para uma mera identificação.

Antes de serem apresentadas as fontes de efeitos prototípicos, explicadas por Lakoff (1987), é conveniente destacar as principais características que constituem um modelo metonímico (Definição 1), a partir da expressão “*Mão Santa prepara Nossa Liga de Basquete*” (PARANÁ, 2011).

Tabela 3 – Características de um Modelo Cognitivo Metonímico

Definição (1)	Exemplo
Há um conceito A para ser compreendido para algum propósito, em algum contexto	A = <i>Oscar Schmidt</i> ; contexto= esporte (basquete masculino)
Há uma estrutura conceptual contendo conceitos A e B	A = <i>Oscar Schmidt</i> ; B = <i>Mão santa</i>
B é parte de A ou está intimamente associado com A na estrutura conceptual	Pela grande habilidade de <i>Oscar Schmidt</i> fazer cesta no basquete, quando atleta, a expressão <i>Mão Santa</i> passou a fazer parte da estrutura conceptual de <i>Oscar Schmidt</i>
A escolha de B tipicamente determinará A dentro da estrutura conceptual	Por inferência, <i>Mão santa</i> está associada ao jogador de basquete <i>Oscar Schmidt</i>
Comparado com A , B é mais fácil de compreender ou mais fácil para lembrar ou mais fácil para reconhecer ou imediatamente mais usado para um dado propósito em um dado contexto	A expressão <i>Mão Santa</i> é usada no contexto do esporte (basquete) como forma de reconhecimento da genialidade do ex-atleta e de sua importância para as gerações atuais. “ <i>Mão Santa prepara Nossa Liga de Basquete</i> ” (PARANÁ, 2011).
Um modelo metonímico é um modelo de como A e B estão relacionados em uma estrutura conceptual; a relação é especificada por uma função de B para A	<i>Mão Santa</i> =fonte; <i>Oscar Schmidt</i> =alvo

(1) Fonte: LAKOFF, 1987, p. 84-85

Nota: exemplos nossos

Apresentadas as características gerais de um modelo metonímico, é pertinente elencar as características inerentes a cada um dos cinco tipos de fontes metonímicas de efeitos prototípicos por Lakoff (1987, p.85-90): (i) *Estereótipos sociais*; (ii) *Exemplos típicos*, (iii) *Exemplos ideais*, (iv) *Exemplos padrões*, (v) *Exemplos geradores*, (vi) *Exemplos de submodelos* e (vii) *Exemplos salientes*.

Os (i) *estereótipos sociais* podem ser usados pela categoria como um todo. Esses modelos são usados de forma consciente e estão frequentemente sujeitos à discussão pública. Além de serem sujeitos à mudança ao longo tempo, os estereótipos sociais definem expectativas culturais sendo usados no raciocínio e, especialmente, no que o autor denomina *jumping to conclusions*, isto é, “o salto para as conclusões” (LAKOFF 1987, p.85, tradução nossa). Para demonstrar esse tipo de modelo metonímico, segue o exemplo: (Ex. 16) “*Ser*

nerd é bom porque eles são mais inteligentes e têm mais chances de conseguir emprego” (REGIONAL, 2011).

No exemplo acima, por metonímia, evidencia-se a crença/estereótipo social de que algumas pessoas são mais habilidosas do que as outras na crença de possuírem um cérebro privilegiado e de garantirem a vaga de melhores empregos.

Diferentemente dos *estereótipos sociais*, os casos de (ii) *exemplos típicos* de categorias são geralmente usados inconsciente e automaticamente por apresentarem certa estabilidade, não estarem sujeitos a discussões públicas, tampouco definirem expectativas culturais. É comum fazer inferências a partir de exemplos típicos para exemplos não típicos. Entretanto, há uma assimetria entre casos típicos e não típicos: o “[...] conhecimento acerca de casos típicos é generalizado para casos não típicos, mas não o contrário” (LAKOFF, 1987, p.87, tradução nossa). O autor cita *maçãs* e *laranjas* como exemplos típicos da categoria *fruta*. Do mesmo modo, para o MCI de *feira de aniversário* pode-se arrolar *bolo*, como um exemplo típico:

- (Ex. 17a) “*Em uma festa de aniversário embora o bolo seja o momento mais esperado da festa, não se esqueça dos detalhes! Do convite carinhoso até uma lembrança delicada, tudo demonstra como os convidados são importantes para você!*” (NESTLÉ, 2011)
- (Ex. 17b) “*Os moradores de Ilha das Flores estão, há anos, esperando o calçamento de uma rua. Para chamar a atenção da Prefeitura de Vila Velha, até bolo de aniversário eles fizeram quando a espera completou 15 anos*” (GAZETA, 2011).

Embora haja outros elementos que constituam uma *feira de aniversário*, o *bolo* é reconhecido como o membro mais representativo da categoria *feira de aniversário*.

Quanto aos (iii) *exemplos ideais*, eles não precisam ser nem típicos nem estereotípicos. Para Lakoff (1987), muitas categorias são compreendidas em termos de conhecimento cultural. A relação entre os exemplos ideais também é assimétrica. Ou seja, nos casos ideais há todas as boas qualidades que há nos casos não ideais, porém a recíproca não é verdadeira. O autor explica ainda que o conhecimento esteja organizado em termos de exemplos ideais que levam a efeitos prototípicos: “idealizamos casas, famílias, amigos, profissões, padrões, funcionários, etc.” (LAKOFF, 1987, p.87, tradução nossa). Seguem dois exemplos linguísticos sobre o uso metonímico de *exemplos ideais* para a categoria *filho*:

- (Ex. 18a) “*Segundo minha mãe (com quem me desentendo certas vezes); eu sou ótimo, pois dou amor e carinho a ela, e sou obediente (mas tenho um irmão mais velho que não é assim)*” (YAHOO, 2011).
- (Ex. 18b) “*Acho que um bom filho é aquele que respeita os pais e os obedecem. Que os ajudam e demonstram o quanto os amam e que são importantes para ele*” (YAHOO, 2011).

Observa-se que se sobressaem atributos voltados à afetividade para se construir a imagem de um bom filho.

No que diz respeito aos (iv) *exemplos padrões*, eles são utilizados como modelos de conduta e de desempenho, a partir dos quais as ações são dirigidas. Um exemplo desses modelos são os paradigmas científicos, que são utilizados, dentre outras coisas, para compreender e aplicar determinados tipos de experimento, conduta metodológica, etc. Os paradigmas mudam à medida que o conhecimento científico avança.

Acrescentam-se como *exemplos padrões*, as leis que, enquanto normas, disciplinam o convívio e a conduta das pessoas. Quando necessário, as leis são revistas ou novas leis são criadas. Como exemplo, pode-se citar a recente lei que padronizou o uso da cadeirinha infantil no banco traseiro de veículos. O regulamento mudou o hábito das pessoas.

- “*Um ano depois, a lei das cadeirinhas pegou*” (LAGEANO, 2011).
- “*Antes da lei eu não usava, agora vi que é um erro não usar*” (LAGEANO, 2011).

Nesses casos, a metonímia instancia-se pelo fato de *exemplos padrões* servirem metonimicamente de referência ou modelo para as pessoas agirem de modo uniforme.

Quanto ao modelo de (v) *exemplos geradores*, os membros de uma categoria são definidos ou gerados pelos membros centrais acrescidos de algumas regras gerais. Lakoff (1987, p. 88) sugere, como exemplo conhecido desse modelo metonímico, os números naturais. Números de apenas um dígito, adicionados a regras de adição e subtração e a regras de aritmética constituem um modelo que gera os números naturais. É nesse sentido que o modelo é metonímico: a categoria como um todo é compreendida em termos de uma subcategoria.

Dentre os casos existentes de *exemplos geradores*, citam-se as letras do alfabeto da língua portuguesa, que por meio de algumas regras convencionadas pelo sistema da língua, permitem às pessoas formar diferentes palavras a partir da combinação de algumas letras. Assim, as letras são parte de uma totalidade, o alfabeto. Por meio das letras *a, m, o, r*, formam-se palavras pertencentes como *amor, amora, marrom, Roma*.

No que concerne aos (vi) *exemplos de submodelos*, um submodelo é tomado como um ponto de referência cognitivo, principalmente para fazer aproximações e estimar tamanhos. Lakoff (1987, p. 89) cita o exemplo do submodelo definido pelos números de fatores de 10: dez, cem, mil, etc., que são utilizados “para compreender a grandeza relativa dos números”. Os exemplos: (19a) “Mistura de ritmos atrai *centenas* de foliões em Vila Velha (GAZETA, 2011); e (19b) “*Milhares* de peixes mortos aparecem em praia de Mongaguá, SP” (GLOBO, 2011), *centenas* e *milhares* não informam com exatidão a quantidade de pessoas e de peixes envolvidos nos eventos, mas

oferecem um ponto de referência metonímico no sentido de *centenas e milhares* produzirem estimativas.

Na espécie de modelo metonímico (vii) *exemplos salientes*, um exemplo de atividade, acontecimento, atitude ou desempenho é utilizado para compreender a categoria envolvida como um todo. Segue um exemplo que ilustra esse tipo de modelo, a partir do desdobramento do modelo cognitivo metonímico: (Ex. 20a) “*Fico sempre apreensivo quando embarco num Avião*”.

Alguns passageiros usam metonimicamente um exemplo saliente (como desaparecimento de uma aeronave) para concluir que viajar é algo perigoso. Eles tomam para si a ocorrência de algum acidente e passam a ter a sensação de que também o vôo deles sofrerá algum transtorno. Assim, é por meio de casos isolados de acidentes com algumas aeronaves que as pessoas irão generalizar que os demais aviões também serão submetidos a uma situação inesperada, tais como, instabilidade e trepidações, chuvas intensas e raios, culminando em desaparecimentos e acidentes que não podem ser controladas previamente.

O exemplo seguinte, retirado de manchete de jornal, que encabeça o texto abaixo: (Ex. 20b) “*Medo da gripe reduz estoques de máscaras [...] também está faltando nas farmácias de Londrina o medicamento Tamiflu, usado no combate ao vírus da gripe suína*” (LONDRINA, 2009), é portador de metonímia identificada nas ações das pessoas. Embora pessoas não estivessem infectadas com o vírus da gripe suína e nem houvesse registro de pessoas doentes em Londrina, a população usou metonimicamente o surto da gripe (exemplo saliente) para se automedicar e comprar máscaras cirúrgicas.

O desdobramento dos modelos cognitivos metonímicos, explicado por Lakoff evidencia que a metonímia apresenta-se multifacetada. Conforme o autor, a metonímia exerce um papel importante na organização linguística, podendo ser aplicada a imagens mentais e a domínios de experiência.

2.4 MAPEAMENTO METONÍMICO E MAPEAMENTO METAFÓRICO

A metonímia é um acontecimento básico no processamento das línguas naturais. Isso porque, cognitivamente, a metonímia é um mecanismo pelo qual um domínio de experiência é entendido parcialmente em termos de um mesmo domínio. A metonímia, tanto quanto a metáfora, é um processo conceptual que relaciona entidades. Nesse mesmo sentido, Radden & Kovecses (1999, p.21, tradução nossa) descrevem a metonímia como “um processo cognitivo no qual uma entidade conceptual, o veículo, fornece acesso mental à outra entidade conceptual, o alvo, dentro do mesmo modelo cognitivo idealizado”. Langacker (1987) descreve o mapeamento metonímico pela noção de Ponto de Referência (PR) e de Zona Ativa (ZA), que assim podem ser representados:



Figura 01 – Mapeamento metonímico

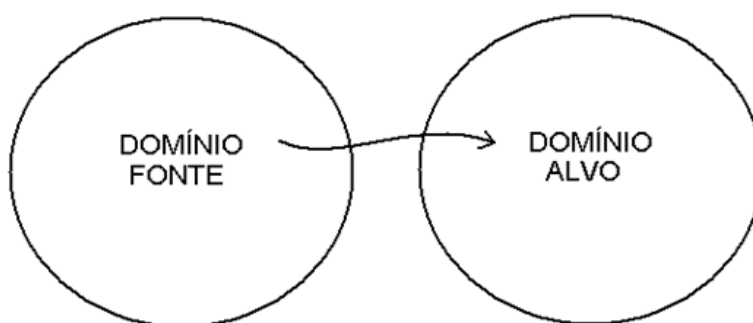


Figura 02 – Mapeamento metafórico

As entidades que se ligam nos esquemas são entidades conceptuais. Na representação da figura 01, identifica-se a metonímia em que uma entidade conceptual (veículo / ponto de referência / fonte) permite o acesso mental a outra entidade conceptual (zona ativa/ alvo). O ponto de referência é visto com

um veículo capaz de acessar um alvo. No entanto, enquanto a metonímia associa entidades conceptualmente contíguas em um mesmo domínio cognitivo, a metáfora associa entidades em dois domínios distintos, o que pode ser observado na figura 02.

Barcelona (2003) explica que, dentro de um domínio, há vários subdomínios (alvos), entretanto, apenas um deles será ativado conforme o contexto. Assim, o enunciado apresentado por Barcelona (2003, p. 215, tradução nossa): (Ex. 21a) “*Washington* é insensível à necessidade das pessoas”, pode ser esquematizado da seguinte forma:

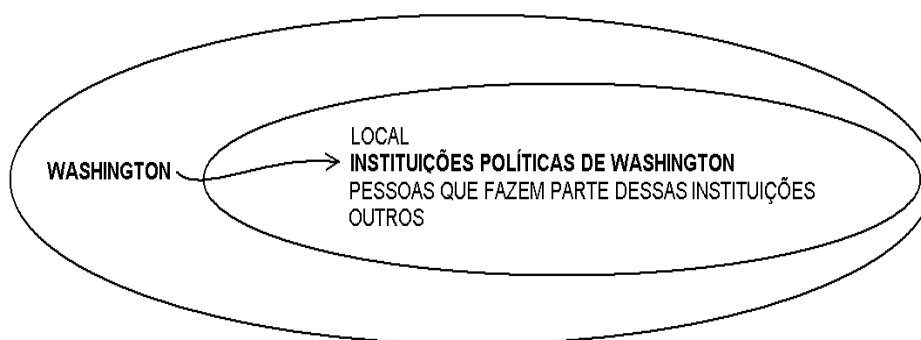


Figura 03 - Ativação de um alvo específico

Segundo Barcelona, dentro do domínio (fonte) de Washington, capital dos Estados Unidos, há vários subdomínios: a cidade como uma localização; as instituições políticas sediadas ali, as pessoas que tomam decisões naquelas instituições políticas (o Presidente, o departamento de secretários senadores e congressistas, etc.).

Barcelona (2003) explica que por meio da metonímia, um dos subdomínios, nomeadamente o subdomínio de instituições políticas, é realçado e adicionalmente referido pela própria cidade como localização. Indiretamente, pessoas importantes que fazem parte daquelas instituições políticas também podem ser ativadas via uma possível promoção de uma metonímia convencional, na qual as instituições são tomadas pelas pessoas que exercem um cargo importante. Instituições políticas federais são uma parte do todo conceptual constituído pelo domínio experiencial de Washington, e as pessoas

responsáveis dessas instituições são por sua vez uma parte destas instituições. O encadeamento vem da conexão *parte-todo* entre a posição geográfica, as instituições e as decisões tomadas nas instituições. Assim, fatores culturais influenciam no modo como conceitos são experienciados.

Outro fator importante diz respeito ao contexto que se torna relevante para o processamento de alguns mapeamentos metonímicos. Quando se muda de contexto, muda-se o alvo. Barcelona (2003, p.215, tradução nossa) apresenta o seguinte: (Ex. 21b) “*Washington não gosta de futebol. Poucas pessoas compareceram ao jogo de ontem*”³⁴. Nesse caso, o alvo ativado é *habitantes de Washington*, e não o local ou a instituição política, por exemplo.

Fauconnier (1994) já havia declarado que Nunberg mostrou que as pessoas estabelecem elos entre objetos de natureza diferente por razões psicológicas, culturais ou localmente pragmáticas. Os elos, assim estabelecidos, permitem fazer referência a um objeto em termos de outro apropriadamente ligado ao primeiro. Fauconnier (1994) apresenta, assim, o Princípio de Identificação: se dois objetos, *a* e *b*, são ligados por uma função pragmática $F(b = F(a))$, a descrição de *a* pode ser usada para identificar a parte correspondente *b*.

Conforme o mesmo autor, projeções de funções pragmáticas, que são representadas por sinédoques e por metonímias, têm papel fundamental na estruturação do nosso conhecimento e provêem meios de identificar elementos de um domínio (*a*) por meio de sua parte correspondente no outro domínio (*a'*).

No enunciado (Ex. 22) “*Monet é leiloado por US\$ 22,4 milhões em Nova York*” (ISTOÉ, 2011), a função (F_1) pode ser representada abaixo ligando pintores renomados a obras por eles produzidas:

³⁴ “*Washington does not like football. Feel people attended yesterday’s game*” (BARCELONA, 2003, p.215).

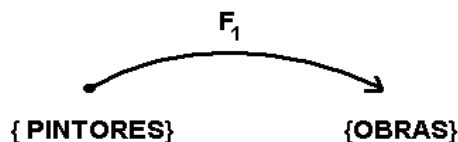


Figura 04 – Princípio de identificação
Adaptado de Fauconnier (1994)

Compreende-se, por meio do termo Monet, que há uma menção sendo feita a alguma obras de arte do renomado pintor.

De acordo com Taylor (2003, p.324, tradução nossa), expressões metonímicas como³⁵: (Ex. 23a) “*A chaleira está fervendo*”; (Ex. 23b) “*Ele tem um Picasso?*”; (Ex. 23c) “*Precisamos de novas caras por aqui*”; (Ex. 23d) “*Negociações entre Washington e Moscou*”, são altamente convencionalizadas. É por isso que, geralmente, elas nem são notadas como metonímias. As expressões (principalmente o ex. 23a) são usadas de forma inconsciente porque fazem parte do sistema conceitual humano.

Taylor (2003) considera que é por meio da função referencial que se permite, por exemplo, que um nome de um contêiner se refira ao conteúdo, que o nome de um produtor se refira ao produto, que o nome de uma instituição se refira a um funcionário em que nela trabalha. Entretanto, ressalta o autor que há determinadas relações referenciais que não são plenamente produtivas. Há alguns elementos, por exemplo, que não podem ser referidos pelo nome da pessoa que o criou. Taylor (2003, p.324, tradução nossa) apresenta um exemplo de pouca produtividade: (Ex. 24) “*Maria estava deliciosa*”, no sentido de o termo *Maria* referir-se ao *pastel de queijo* preparado por ela.

Taylor segue explicando que na cultura ocidental atribui-se um valor especial a uma obra de arte, devido ao gênio criativo de quem a criou. Por outro lado, e menos comum o uso do nome da pessoa para se referir ao alimento que preparou. Isso porque, conforme o autor, algumas instâncias de função

³⁵ “*The kettle’s boiling; Does he own any Picassos? We need some new faces around here; Negotiations between Washington and Moscow*” (TAYLOR, 2003, p.324).

referencial precisam ser ratificadas por um corpo de conhecimento e de crenças articuladas em um contexto apropriado.

As “restrições” para a convencionalização da metonímia também se ecoam por outras vias. Há certas situações pelas quais a função referencial não seja suficiente para explicar o processamento metonímico. Há metonímias que não são admitidas fora de uma situação particular. É o caso, por exemplo, presente no enunciado destacado por Taylor (2003, p. 325, tradução nossa) em que um garçom comenta com seu colega: (Ex. 25) “*A carne de porco saiu sem pagar*”³⁶.

A referência ao cliente por meio do nome do alimento consumido foi possível devido a certas características particulares inerentes a restaurante: o fato de garçons interagirem com clientes e, principalmente pelo ofício de um garçom: tomar nota do que o cliente vai consumir. Assim, clientes podem ser identificados metonimicamente por meio do nome dos pratos que foram requisitados e consumidos (TAYLOR, 2003). Dessa forma, pode-se afirmar que clientes, garçons e pedidos fazem parte do MCI de restaurante, o que perpassa pela economia cognitiva no sentido de se identificar mais rapidamente o que se deseja.

Segundo Fauconnier & Sweetser (1996), o importante é que as estruturas cognitivas do domínio de clientes e de pedidos estão intrinsecamente conectadas pela compreensão do mundo no qual se vive. Essas ligações cognitivas básicas refletem-se no uso de expressões linguísticas, cujo item de um domínio é usado para referir-se a um item conectado num mesmo domínio, como aconteceu com o exemplo (25). Abaixo o MCI de *restaurante*:

³⁶ “*The pork chop left without paying*” (TAYLOR, 2003, p. 325).

MCI de <i>restaurante</i>
<i>garçons</i>
<i>clientes</i>
<i>refeições</i>
<i>pedidos</i>

Figura 05 - MCI de *restaurante*

Como se viu na figura 05, *garçons*, *clientes* e *refeições* são partes de um todo em que uma parte do domínio cognitivo faz menção a outra parte.

No Brasil, geralmente, as mesas ocupadas pelos clientes de bares e de restaurantes são numeradas com o intuito de se organizar o espaço físico e de localizar mais facilmente o cliente dentro do estabelecimento. Dessa forma, é comum fazer referência a clientes por meio da mesa ou do número da mesa na qual estão acomodados: (Ex. 26a) “[...] *Se alguma mesa pediu a impressão da conta, ela sairá automaticamente na impressora do Caixa cadastrado para isso*”; (Ex. 26 b) “*A mesa cinco pediu sobremesa*”.

Panther & Thornburg (1999, tradução nossa) destacam que, em algum nível, o veículo e o alvo são equivalentes. Em “a Casa Branca”³⁷, por exemplo, as autoras revelam que há uma convenção para a expressão ser considerada referencial. Assim, “*Casa Branca*” (veículo) pode ser usada para referir-se a alvos como o Poder Executivo do Governo dos Estados Unidos, um porta-voz ou inclusive o próprio Presidente dos EUA. A substituição de uma expressão metonímica por outra cria uma relação de equivalência pragmática entre as expressões envolvidas. As autoras assumem que veículo e alvo estão conceptualmente presentes, quando uma metonímia é usada.

Nem todas as relações dentro de MCIs licenciam metonímias, revelam Radden & Kovecses (1999, p. 29, tradução nossa). Para justificarem tal argumento, os autores apresentam os exemplos³⁸: (Ex. 27a) “*Eu bati no nariz dele*” e (Ex. 27b)

³⁷ “The White House” (Panther & Thornburg, 1999, p.334).

³⁸ “*I hit him in the nose; I hit him in the mouth*” (RADDEN & KOVECSES, 1999, p. 29).

“Eu bati na boca dele”. Embora os referidos órgãos sejam contíguos espacialmente, *boca* não serve como fonte metonímica para *nariz*, nem *nariz* pode servir como fonte para *boca*, visto que *boca* e *nariz* não estão ligados por uma função pragmática (RADDEN & KOVECSES, 1999). A função pragmática perpassa por conexões entre conceitos e precisa ser aprovada socialmente uma vez que há uma relação entre experiências subjetivas e experiências compartilhadas entre as pessoas. Radden & Kovecses (1999, p.29-30, tradução nossa) demonstram que o exemplo³⁹ (28) “*Você pode atender a porta?*” produz metonímia. Por inferência compreende-se que a porta indica que uma pessoa está em pé do lado de fora.

Nessa direção, para Ibáñez (2003, p. 114, tradução nossa), existem casos em que não há uma relação explícita entre fonte e alvo. O autor elenca os seguintes exemplos⁴⁰: (Ex. 29a) “John é o *cérebro*”; (Ex. 29b) “Sou todo *ouvidos*”. Nessa Nesse aspecto, pode-se inferir, pelo primeiro exemplo que John é quem comanda a empresa, a equipe, o grupo, quer seja, visto que o que comanda o corpo é o cérebro, a racionalidade; e que no segundo exemplo, a pessoa, em questão, ouvirá a outra com atenção, quando assinala o ouvido em relação às outras partes do corpo.

³⁹ “*Can you answer the door?*” (RADDEN & KOVECSES, 1999, p. 29-30).

⁴⁰ “*John is brain; I’m all ears*” (IBÁÑEZ, 2003, p. 114).

3 UM ESTUDO DA METONÍMIA PARA ALÉM DA SUA FUNÇÃO REFERENCIAL

*Without imagination,
nothing in the world could be meaningful.*
(Mark Johnson)

O uso da metonímia no cotidiano é explicado por Lakoff & Johnson (2002) pelo fato de uma entidade referir-se a outra que é relacionada a ela. Ao lado da função referencial da metonímia, os autores destacaram a importância da metonímia na compreensão. Um exemplo⁴¹ clássico dos autores se expressa por (Ex. 30a) *“Ela é apenas um rosto bonito”*, cuja metonímia parte pelo todo se afasta da função referencial da linguagem para se aproximar do modo como se pensa o mundo, tendo como base a própria experiência. Em outros termos, *rosto* não indica um referente extralinguístico. O enunciado acima emite um juízo de valor em função de uma pessoa ser reconhecida não pelas habilidades intelectuais ou por outros atributos, mas pela beleza estética. Outros enunciados (embora não sejam metonímicos): (Ex. 30b) *“Ela é uma pessoa vazia de conteúdo”*; (Ex. 30c) *“Beleza não se põe à mesa”*, expressam o que foi abordado pelo exemplo de Lakoff (1987).

Barcelona (2004, p.160, tradução nossa) define a metonímia como um mapeamento assimétrico de uma fonte para um alvo. Essa assimetria é compreendida pela justificativa de que as partes correspondentes não são comparadas sistematicamente como a metáfora. O autor revela ainda que a metonímia não é necessariamente referencial, por meio de alguns exemplos⁴²: (Ex. 31a) *“Belgrado não anunciou o consentimento de Paris”*; (Ex. 31b) *“Ele tem andado com os ombros caídos. Ele perdeu a esposa”*. Pode-se afirmar que no primeiro exemplo o ponto de referência está presente no termo (Belgrado) que faz acessar mentalmente o alvo (o governo), em referência a um político ou grupo específico de políticos. Por outro lado, o alvo do segundo exemplo tem um sentido convencionalizado pela cultura. A postura do corpo para baixo é

⁴¹ *“She’s just a pretty face”* (LAKOFF & JOHNSON, 2002).

⁴² *“Belgrade did not sign the Paris agreement”; “He walked with drooping shoulders. He had lost his wife”*. (BARCELONA, 2004, p.161).

tomada pelo estado emocional de tristeza, como foi demonstrado anteriormente.

Conforme já mencionado, ao abordar a metonímia via modelos cognitivos metonímicos, Lakoff (1987, p.79, tradução nossa) destaca que eles são usados para uma variedade de propósitos, dentre eles “fazer inferências e julgamentos”. O mesmo autor exemplifica a ocorrência da metonímia por inferenciação, a partir da observação de *cenário*, que passa a ser usado como MCI, nos termos de Lakoff (1987). O mesmo autor atesta que a metonímia ocorre em certas respostas a algumas questões, sendo natural responder a uma questão que evoca a informação solicitada por meio de modelos metonímicos. Na língua inglesa, por exemplo, Lakoff (1987, p.79, tradução nossa)⁴³ aponta possíveis respostas para a questão “*Como você chegou à festa?*”:

- (Ex. 32a) “*Eu dirigi*” (Centro representando a totalidade do MCI);
- (Ex. 32b) “*Eu tenho um carro*” (Pré-condição representando a totalidade do MCI);
- (Ex. 32c) “*Eu peguei o carro do meu irmão emprestado*” (esse exemplo envolve a pré-condição que representa a totalidade do MCI).

Segundo Lakoff (1987), *pegar um veículo* envolve um cenário estruturado em que cada parte representa a totalidade do MCI:

Pré-condição: Tem-se acesso a um veículo;

Embarcação: Entra-se em um veículo e se vai para algum destino;

Núcleo: Segue-se para o destino;

Fim: Estaciona-se e sai-se do veículo;

Ponto Final: Chega-se ao destino.

⁴³ “*How did you get to the party?*

I drove;

I have a car;

I borrowed my brother's car” (LAKOFF, 1987, p.79).

De acordo com os exemplos, uma parte do cenário, *embarcação*, foi usada metonimicamente para representar a totalidade do MCI de *tomar um veículo*. Assim, por meio da metonímia destaca-se uma das partes da estrutura do cenário que é usada pelo todo de um MCI.

3.1 SENTIDO PROPOSICIONAL X SENTIDO NÃO PROPOSICIONAL

3.1.1 Inferência e Cognição

A inferenciação é compreendida como um processo cognitivo nos termos de se compreender o sentido não proposicional. Johnson (1987) questiona as teorias linguísticas e filosóficas que têm como foco exclusivo a estrutura proposicional da sentença como portadora de sentido. Em divergência a essa centralidade do sentido proposicional, o filósofo defende que nem todo significado é de natureza proposicional. O autor apresenta os esquemas de imagem (organizações abstratas da experiência e compreensão humanas) que “não são proposicionais em nenhum sentido tradicional do termo, mas que são centrais para o significado e as inferências que fazemos” (JOHNSON, 1987, p.01, tradução nossa).

Ao destacar a importância da inferência, Fauconnier (2005) declara que “fazemos muitas inferências pelo fato de as pessoas terem padrões cognitivos muito complexos”:

[...] nós sabemos coisas sobre os frames que podemos chamar de inferências no sentido de que nós podemos inferi-las [...] Nós podemos chamar esses ricos sistemas de inferências de frames gerais do conhecimento, que são tanto as coisas que acontecem dentro dos frames quanto à forma como manipulamos esses frames (FAUCONNIER, 2005)

O processo inferencial está ligado ao entendimento e à interpretação tanto do mundo como dos textos sobre o mundo sendo, portanto, um processo de

entendimento e compreensão presente no sistema conceptual humano. O mesmo autor expressa que

[...] a linguagem visível é apenas um tipo de *iceberg* da construção da significação invisível que ocorre quando se pensa ou fala. Essa cognição por trás dos bastidores define nossa vida mental e social. A linguagem é uma de suas proeminentes manifestações externas (FAUCONNIER, 1997, p.1-2, tradução nossa).

Valoriza-se assim, o papel da inferência no processo de construção dos sentidos. Nessa via, a metonímia não pode ser considerada somente em seu aspecto referencial. Muitas vezes o sentido comunicado é totalmente diferente do sentido proposicional.

3.2 A NATUREZA INFERENCIAL DA METONÍMIA

Barcelona (2004) apresenta o papel fundamental da metonímia na inferenciação do discurso pragmático ao identificar inferências pragmáticas e metonímias que conduzem/guam essas inferências. Revela-se que, se por um lado, as formas linguísticas, junto ao contexto, oferecem indícios para se fazer inferências, por outro lado, há atos de fala indiretos e implicaturas conversacionais que são considerados pelo autor como consequência da aplicação de mapeamentos metonímicos. Para Barcelona (2005), as metonímias guiam entre implicaturas por meio de conexões conceptuais.

Nessa direção, para explicar como metonímias guiam implicaturas por meio de conexões conceptuais, Barcelona apresenta a descrição de uma sequência de eventos, cujas inferências conduzirão os desdobramentos dos sentidos. Trata-se de um evento cotidiano em que uma personagem é apresentada na ordem dos primeiros acontecimentos do seu dia. Abaixo a sucessão de fatos que gerarão as inferências:

Jane prepara seu café todos os dias às 05h. e 30min. da manhã e a seguir sai para o trabalho. Hoje é dia de trabalho de Jane, mas esta manhã nenhuma luz saiu através da janela da cozinha dela às 05h. e 30min. São 06h da manhã e a cozinha dela ainda continua escura. Um vizinho de Jane que conhece seus hábitos matinais faz a seguinte observação a outro vizinho, igualmente conhecedor dos hábitos de Jane:

[Ex. 33] “Eu me levantei às 05h. e 30min. e não vi luz saindo da janela da cozinha de Jane. Queria saber se está tudo bem com ela” (BARCELONA, 2004, p. 35, grifo nosso, tradução nossa)⁴⁴.

Barcelona explica que a compreensão das sentenças acima, requer um número de implicaturas que por um lado são conduzidas/guidadas por algumas metonímias. O autor segue explicando que o ouvinte percebe automaticamente que a conexão entre as duas sentenças proferidas pelo vizinho de Jane resultam em uma implicatura conversacional: (34a) “*Ela não preparou seu café da manhã*”, que incita outras possíveis implicaturas tais como: (34b) “*Então, talvez, ela não tenha ido trabalhar*”; (34c) “*Isso é um tanto incomum [extraordinário, fora do comum, invulgar] com ela*”; (35d) *Talvez ainda ela nem tenha se levantado e*, (34e) “*Talvez ela não esteja bem*” (BARCELONA, 2005, p.36-37, tradução nossa). Por meio do desdobramento das implicaturas acima, o autor explica como a metonímia conduz cada uma dessas implicaturas.

Na implicatura (34a), *Ela não preparou seu café da manhã*, a metonímia é explicada da seguinte maneira: a menção de um aspecto do cenário, o fato de *Jane acender a luz de sua cozinha todos os dias às 05h. e 30min. da manhã* ativa metonimicamente a totalidade do cenário. Desse modo, Barcelona explica que a ação: *acender a luz da cozinha* é uma pré-condição para Jane preparar o seu café da manhã.

Na implicatura (34b), *Então, talvez, ela não foi trabalhar*, o cenário de *Jane preparar seu café* ativa um cenário maior: *hábitos matinais de Jane* que incluem *Levantar-se, preparar/consumir o café da manhã e sair para o trabalho*.

⁴⁴ Jane cooks her breakfast every morning before dawn, at 5.30 a.m., and then goes to work. Today is a working day for Jane, but this morning no light comes through her kitchen window at 5.30 a.m. It is now 6.00 a.m. and her kitchen is still dark. A neighbor of Jane's who knows her morning habits makes the following casual remark to another neighbor, equally, aware of Jane's morning habits: I got up at 5.30 a.m. and saw no lights coming through Jane's kitchen window. I wonder whether she's all right (BARCELONA, 2004, p. 164).

Essa ativação por si só é metonímica (sub-cenário ativa a totalidade do cenário).

Na implicatura (34c), *Isso é um tanto incomum com ela*, a ação de *Jane preparando seu café da manhã às 05h. e 30min.* exibe a propriedade 'evento comum' na rede de conhecimento dos vizinhos acerca de Jane. O não preparo do café da manhã na hora habitual ativa a propriedade 'evento incomum'(atípicos fora da normalidade).

A ação *Jane preparando o café às 05h. e 30min. da manhã* ativa a proposição *Jane preparando o café às 05h. e 30min. da manhã*, que é um evento comum. Barcelona (2005) chama essa operação metonímica de (membro pela categoria): o comportamento normal de *Jane* é um exemplo da categoria de eventos comuns. Dessa forma, exceções a esse comportamento são eventos incomuns.

Na implicatura (34d), *Talvez ela nem tenha se levantado*, a pré-condição de alguém ser capaz de fazer o café da manhã é ter-se levantado da cama anteriormente. E com essa contrapartida negada, ativa-se metonimicamente que *Jane não tenha se levantado*. Sendo assim, a relação metonímica é (resultado pela pré-condição).

Na implicatura (34e), *Talvez ela não esteja bem*, a pré-condição de ser capaz de se levantar é estar física e emocionalmente pronta para isso. Então, a ativação de Jane se levantando causa ativação de sua pré-condição: *Jane estando fisicamente bem* (resultado pela pré-condição). A ativação do resultado oposto *Jane não se levantando* causa a ativação da pré-condição oposta, quer seja, significa que Jane pode não estar bem fisicamente. As considerações acima são sintetizadas por meio do esquema seguinte:

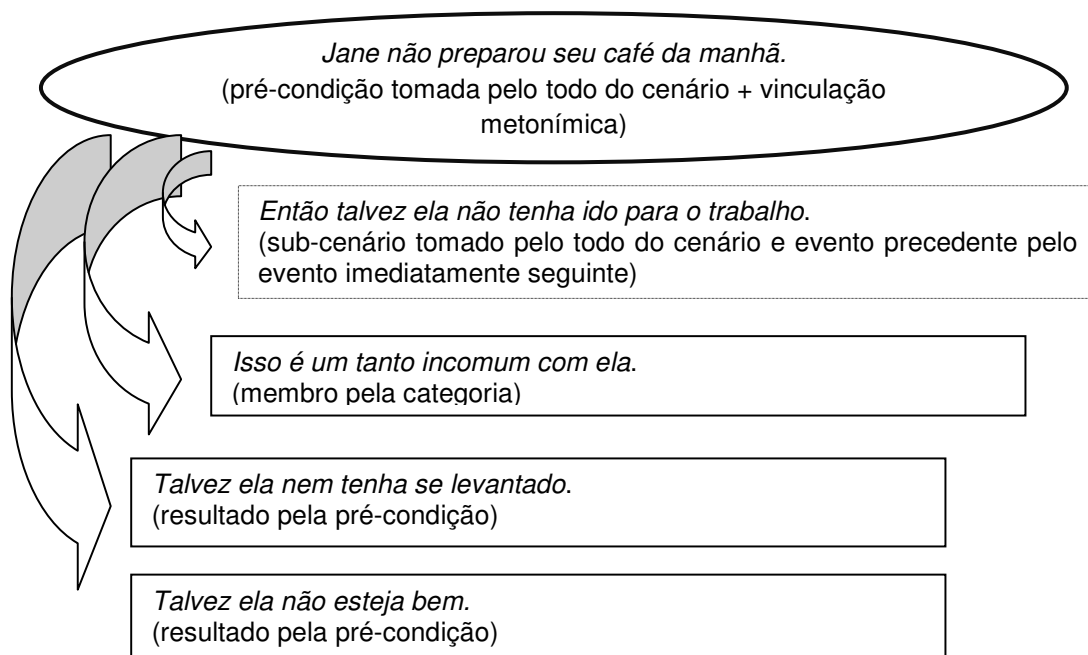


Figura 06 – Metonímias guiam conexões conceituais entre implicaturas
Adaptado de Barcelona (2005)

Mediante a análise de Barcelona, constata-se que as pessoas fazem inferências por meio de processos metonímicos. Graças a eles é que se ativam bases de conhecimentos. Portanto, é natural fazer-se alusão a certos aspectos de um evento por meio de uma parte dele, em relação à totalidade do evento.

A natureza inferencial da metonímia, cuja função está na ativação de uma conexão pré-existente de certos elementos de conhecimento ou experiência compartilhada entre as pessoas, também explica a ubiquidade da metonímia em múltiplos níveis naturais, de morfemas a alguns textos (BARCELONA, 2005). Isso significa que por meio do mecanismo da metonímia as pessoas acessam conhecimentos prévios dando sentido a construções linguísticas porque a metonímia é antes de tudo um mecanismo conceitual.

Gibbs (1999) diz que os princípios metonímicos estão na base de fenômenos linguísticos, especialmente na implicatura conversacional. Acrescenta, no entanto, que tais princípios também se encontram nos atos de fala indiretos e nas tautologias coloquiais, o que é, na visão do autor, uma evidência da metonímia no pensamento. Assim, a metonímia é reconhecida como um tipo

particular de mapeamento mental, uma vez que se concebem pessoas objetos ou eventos por meio de partes salientes dessas categorias.

Abreu (2002) descreve que declarações tais como *Mãe é mãe, Crianças são crianças* estão fundamentadas em metonímia (*parte pelo todo*), pois são compreendidas por meio de uma parte da totalidade do MCI de *mãe* e de uma parte da totalidade do MCI de *criança*.

Conforme o autor, a primeira tautologia é reforçada uma vez que *Mãe é mãe* pode ser compreendida num contexto em que uma mãe, apesar de seu filho não merecer um determinado benefício, concede-o. Assim, o ouvinte é levado a interpretar o sentido da segunda ocorrência do termo *mãe* como parte apenas de tudo aquilo que se convencionou ser os atributos de uma mãe: o amor incondicional pelos filhos. Os demais atributos como responsabilidade pelo lar, pela nutrição dos filhos, pelo trabalho doméstico etc. ficam em segundo plano. O amor incondicional, metonimicamente, sobressai como figura.

A segunda tautologia *Crianças são crianças*, também ganha força na atividade metonímica. Segundo Abreu (2002), *Crianças são crianças* poderia ser dito diante de uma situação em que um garoto acaba de derrubar um copo de refrigerante no tapete da sala. Assim, o sentido da segunda ocorrência do termo *crianças* é compreendido como não tendo manejo suficiente dos objetos, característica que sobressai como *figura*, tornando as demais propriedades do termo *criança*, inocência, ingenuidade, dependência etc. como *fundo*.

Mediante o exposto, a essência da metonímia reside na possibilidade de estabelecer elos entre entidades que ocorrem em uma dada estrutura conceptual. Diferentemente da abordagem tradicional, que destaca as relações de contiguidade entre as entidades, na abordagem cognitivista, as entidades não precisam ser contíguas em um sentido espacial. Nessa perspectiva, a metonímia não está restrita a um ato de referência. A metonímia é fundamental nos processos de extensão de sentido, sendo talvez mais básica que a metáfora (TAYLOR, 2003).

4 UM ESTUDO DE CASO

O texto analisado aqui se trata do excerto de uma reportagem (ANEXO A) sobre uma fraude ocorrida no cenário futebolístico no ano de 2005. Pretende-se observar a face inferencial da metonímia conceptual e como se constitui o processo de construção de um determinado conceito via processo metonímico.

Abaixo a transcrição da reportagem:

PEGAMOS O JUIZ LADRÃO

[...] Não era folclore. O juiz ladrão de carteirinha – que por muito tempo ocupou o panteão consagrado a personagens do imaginário popular, como a mula sem-cabeça e o saci pererê – revelou-se, no Brasil, de carne e osso. Uma reportagem publicada por *Veja* em setembro deste ano mostrou como os árbitros Edilson Pereira de Carvalho e Paulo José Danelon se associaram a uma quadrilha de apostadores de loterias eletrônicas para fraudar resultados de jogos com o objetivo de lucrar com as apostas. A descoberta da máfia do apito ganhou manchetes de jornais do mundo inteiro e resultou no banimento dos árbitros, na anulação de onze partidas disputadas no Campeonato Brasileiro e no surgimento de uma metonímia: virou moda gritar: “Edilson” na arquibancada toda vez que o juiz apita mal. O escândalo serviu para escancarar o amadorismo com que é administrado o futebol pentacampeão mundial [...] (FONTENELLE, 2005, p.92-93).

Num país em que grande parte da população é apaixonada por futebol, os campeonatos promovidos pelo esporte reúnem multidões nos estádios o que torna uma partida de futebol um evento especial para as torcidas de cada time participante. No Brasil, a figura do árbitro de futebol, mais conhecido por *juiz*, tem grande importância no imaginário popular associando-o, muitas vezes, à decisão dos resultados “[...] é uma actividade de grande responsabilidade, seguida atentamente pelos meios de comunicação social e por todos quantos acompanham o futebol” (Liga Portuguesa de futebol, 2010).

As torcidas, observadoras da atuação dos árbitros quanto à aplicação de impedimentos de gol, ou de penalidades como faltas, cartões, expulsões, geralmente manifestam da arquibancada seu descontentamento por meio de vocativos direcionados ao juiz em serviço. Essa prática, comum às torcidas

brasileiras no cenário futebolístico, aconteceu com o árbitro Edilson de Carvalho que fora chamado de *ladrão* em várias partidas da qual foi juiz.

Em 2005, ficou comprovado que Edilson participou diretamente da manipulação de resultados de jogos dos Campeonatos Paulista e Brasileiro daquele ano. O referido árbitro recebia propina para alterar os resultados das partidas de futebol. A comprovação da fraude repercutiu, principalmente, em anulação de jogos, alteração na contagem de pontos dos times envolvidos, etc.

O escândalo, que na época, tornou-se público em âmbito nacional e internacional, contribuiu para que algumas torcidas brasileiras passassem a chamar de *Edilson* os demais juízes que não apresentassem um bom desempenho no andamento das partidas e no placar dos jogos. Independentemente do nome do profissional e do não vínculo a condutas ilícitas, a insatisfação das torcidas passou a ser manifestada dessa forma, ao lado da já conhecida forma de xingamento, *ladrão*.

Por fatores éticos e morais, dirigir-se a uma pessoa com xingamentos em seu exercício profissional, não é considerada uma forma respeitável de tratamento. Entretanto, no contexto do futebol (no Brasil), isso é aceitável em certa medida, embora a relação entre torcidas e juízes não seja plenamente cordial.

Por fatores culturais, está embutido na mente da maioria das pessoas que todo juiz de futebol é ladrão, como se o fato de ser ladrão fosse próprio dessa profissão, o que pode ser confirmado pelo excerto a seguir “[...] *Não era folclore. O juiz ladrão de carteirinha – que por muito tempo ocupou o panteão consagrado a personagens do imaginário popular, como a mula sem-cabeça e o saci pererê – revelou-se, no Brasil, de carne e osso [...]*” (FONTENELLE, 2005, p.92).

O texto acima traduz bem como um MCI se constitui: “[...] os elementos que compõem os arquivos permanentes são acessados e ativados, tal qual a um arquivo de computador, por formas gramaticais ou inferências”, conforme posto por Salomão (1999).

Por inferência, o que estava presente na memória e intuição das pessoas se materializa e se corporifica prototipicamente na pessoa de Edilson, com base no modelo cognitivo metonímico *estereótipo social* (de sentido negativo), presente no sistema conceptual das pessoas. Pode-se entender que a categoria árbitro de futebol funda-se nos mais diversos conceitos, dentre os quais (aquele que arbitra; autoridade suprema, sem parcialidade; que é destacado; que tem preparo físico; que foi aprovado pela FIFA, etc). Por meio de valores e crenças, em torno do conceito juiz de futebol, emerge o conceito Edilson e tudo o que ele implica.

Nesse contexto, o signo *Edilson* é ressignificado passando a integrar o MCI de árbitro de futebol, por extensão do conceito *ladrão*. As torcidas, já não se restringiam a gritar “ladrão... ladrão... ladrão...”, mas criativamente: “Edilson..., Edilson..., Edilson...”. Dentre os membros que formam a categoria árbitro de futebol, o conceito *Edilson* é tido como um dos membros mais prototípicos para a designação do profissional em questão. Embora existam juízes honestos que, nas partidas de futebol, cometam equívocos naturalmente, um determinado árbitro de futebol (parte) representa e caracteriza o conceito árbitro de futebol (todo) na intenção de se inferir e julgar o comportamento de um juiz no cenário futebolístico.

Há um delicado processo de construção de sentidos por meio de inferência metonímica: aquele que deveria fazer justiça, rouba. O texto de análise demonstra e corrobora a ideia de que a metonímia não se constitui pela noção de condições de verdade ou por mera substituição de termos, mas envolve refinado processo cognitivo conduzindo inferências tal como demonstrou Barcelona.

Abaixo, verifica-se o MCI de árbitro de futebol:

MCI de árbitro de futebol
<i>que arbitra</i>
<i>autoridade suprema, imparcial</i>
<i>destacado em campo</i>
<i>tem preparo físico</i>
<i>aprovado pela FIFA</i>
<i>que rouba, ladrão (Edilson)</i>

Figura 07– MCI de árbitro de futebol

Por meio da fonte metonímica *estereótipo social*, o juiz prototípico é aquele que rouba, sintetizado pela figura do árbitro Edilson.

Constata-se, ainda, no texto, outra metonímia interessante: “*A descoberta da máfia do apito ganhou manchetes de jornais do mundo inteiro*” (FONTENELLE, 2005, p.92), em que apito, enquanto instrumento de trabalho, é tido como ponto de referência cognitivo usado para fazer referência à classe de árbitro de futebol. Verifica-se por meio do texto, uma relação conceptual de base metonímica, que se configura por *objeto usado pelo usuário*.

Pode-se, de fato, saber que o conhecimento do mundo leva as pessoas a fazerem inferências e a formar expectativas. Têm-se vários esquemas e conceitos que funcionam como histórias na memória das pessoas permitindo que elas compreendam as complexas relações que acontecem em suas experiências do dia-a-dia. Na verdade, são muitas histórias como a do juiz que por metonímia, representa a totalidade de uma categoria, a da *mãe dona de casa* considerada o membro mais representativo da categoria *mãe*. Todas essas histórias se ligam (fator da memória em ação). Verifica-se, assim, a prova circunstanciada do alcance sócio-cultural da metonímia conceptual.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como já se viu anteriormente, a tradição de estudos sobre o sentido formou base sólida por sobre a noção de referência estendida à função referencial da linguagem e expressa por intermédio de proposições linguísticas. A tradição linguística, que no nascedouro foi comparativista, amadureceu valorizando a referência no sentido proposicional.

Na história dos estudos da metonímia consta, antes de tudo, a visão de que a linguagem corresponde a uma relação direta entre os objetos e as coisas. Visão que está presente nas abordagens tradicionais acerca da metonímia e dos processos figurativos, em geral. A substituição de um nome por outro, por exemplo, enquadra-se nas considerações que defendem a linguagem enquanto um espelho da realidade, como se a significação fosse restrita a uma troca de palavras.

Entretanto, constatou-se que temos um sistema conceptual metafórico e metonímico complexo que está subjacente ao nosso modo de categorização e que perpassa pelas nossas experiências corpóreas, pela nossa racionalidade imaginativa. A metonímia afasta-se, portanto, do referencialismo da linguagem para se aproximar do modo como se pensa o mundo, tendo como base a própria experiência humana. Admite-se, assim, que a metonímia tem base referencial, mas ela é, sobretudo, de natureza inferencial. Ao se mudar a concepção, muda-se a consideração sobre o objeto: a linguagem é considerada um processo, e a metonímia, base de pensamento.

Conseqüentemente, o foco sai da função referencial da linguagem e recai na possibilidade inferencial, demonstrando que a metonímia é um fato de compreensão/entendimento da linguagem/ cognição em seu aspecto inferencial. Retoma-se, aqui, a declaração de Silva (1997) que atesta que linguagem se fundamenta em processos cognitivos, sócio-interacionais e culturais e deve ser estudada no seu uso e no contexto da conceptualização,

da categorização, do processamento mental, da interação e da experiência individual, social e cultural.

Nessa perspectiva, a dicotomia entre sentido literal e sentido figurado perde completamente sua força, quando confrontada com um dos mais básicos corolários da Linguística Cognitiva que culmina por explicar que a base do pensamento humano, e portanto da linguagem, é metafórica e metonímica em sua natureza.

REFERÊNCIAS

ABRAHÃO, Virgínia Beatriz B. A metonímia em London London, conto de Caio Fernando Abreu. In: **Revista do SELL**, v.1, n.1, 2008. Disponível em: <<http://www.uftm.edu.br/revistaeletronica/index.php/sell/article/view/11>> Acesso em: 23 de janeiro de 2010.

ABREU, Antônio Suárez. Metonímia: uma visão funcionalista In: **Fala Palavra**, n.2, out. 2002. P. 66-81.

ARISTÓTELES. **Arte retórica e arte poética**. Traduzido por Antônio Pinto Carvalho. Rio de Janeiro: Tecnoprint, [199-].

BARCELONA, Sánchez Antonio. The role of metonymy in discourse- pragmatic inferencing. In: CAMPO, José Luis Ota; FERRANDO, Ignasi Navarro i; FORTUÑO, Begoña Bellés. **Cognitive and discourse approaches to metaphor and metonymy**. Castelló de La Plana: Publicacions de la Universitat Jaume I, 2005. p.29-44.

_____, Sánchez Antonio. Metonymy in discourse-pragmatic inferencing. In: SILVA, Augusto Soares da; TORRES, Amadeu; GONÇALVES Miguel (orgs.). **Linguagem, Cultura e Cognição**: Estudos de Linguística Cognitiva. Coimbra: Almedina, v.1, 2004. p.159-174.

_____, Sánchez Antonio. Clarifying and metaphor and metonymy. In: DIRVEN, René, PORINGS, Ralf (orgs.). **Metaphor and metonymy in comparison and contrast**. Berlin; New York: Moun-ton de Gruyter, 2003. p.207-276.

BARROS, Enéias Martins de. **Nova gramática da língua portuguesa**. São Paulo: Atlas, 1985.

BECHARA, Evanildo. **Gramática escolar da língua portuguesa**. 1.ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2001.

BECHARA, Evanildo. **Moderna gramática da língua portuguesa**. 22.ed. São Paulo: Nacional, 1977.

BRANDÃO, Roberto de Oliveira. **As figuras de linguagem**. São Paulo: Ática, 1989.

BÍBLIA. Português. **A Bíblia Sagrada**. (trad.) João Ferreira de Almeida. 6. ed. São Paulo: Copyright, 2007.

CÂMARA JÚNIOR, Joaquim Mattoso. **Dicionário de filologia e gramática**: referente à língua portuguesa. 3.ed. São Paulo: J. Ozon, 1968.

CEGALLA, Domingos Paschoal. **Novíssima gramática da língua portuguesa**. 48.ed. rev. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2008.

CEREJA, William Roberto; MAGALHÃES, Tereza Cochar. **Português: linguagens**. São Paulo: Atual, 2003.

CUENCA, Maria; HILFERTY, Joseph. **Introducción a la lingüística cognitiva**. Barcelona: Ariel, 1999.

CUNHA, Celso; CINTRA, Luís F. Lindley. **Nova Gramática do Português Contemporâneo**. 2.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

DUBOIS, Jacques. et al. **Retórica Geral**. São Paulo: Cultrix, 1974.

FARACO, Carlos Alberto. **Português: língua e cultura**. ens. méd., Vol. Único. Curitiba: Base Editora, 2003.

FAUCONNIER, Gilles. Uma **conversa com Gilles Fauconnier**. Entrevista concedida à COSCARELLI, Carla Viana. www.letras.ufmg.br/rbla/2005_2/entrevista.pdf. Acesso em 20 de jan. de 2010.

_____, Gilles. **Mental spaces: aspects of meaning construction in natural language**. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.

FAUCONNIER, Gilles; SWEETSER, Eve. **Spaces, worlds, and grammar**. Chicago: University of Chicago Press, 1996.

FELTES, Heloísa Pedroso. **Semântica cognitiva: ilhas, pontes e teias**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2007.

FERREIRA, Mauro. **Aprender e praticar gramática**. ens. méd., Vol. Único. São Paulo: FTD, 1992.

FILIPAK, Francisco. **Teoria da Metáfora**. Curitiba: HDV, 1983.

FOLHA ONLINE. 2011. **Um ano depois da lei, cadeirinhas encaixam nas lojas em SP**. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/988204-um-ano-depois-da-lei-cadeirinhas-encalham-nas-lojas-de-sp.shtml>. Acesso em: 10 ag. 2011.

FONTENELLE, André. Pegamos o juiz ladrão. **Veja**. São Paulo, n.52, p. 92-97, dez. 2005.

GARCIA, Othon M. **Comunicação em prosa moderna: aprenda a escrever, aprendendo a pensar**. 11.ed. rev. e at. Rio de Janeiro: Ed. da Fundação Getúlio Vargas, 1983.

GAZETA ONLINE. 2011. **Mistura de ritmos atrai centenas de foliões em Vila Velha**. Disponível em: [http://gazetaonline.globo.com/_conteudo/2011/03/](http://gazetaonline.globo.com/_conteudo/2011/03/792410-mistura+de+ritmos+atrai+centenas+de+folioes+em+vila+velha.html)

792410-mistura+de+ritmos+atrai+centenas+de+folioes+em+vila+velha.html.
Acesso em: 06 mar. 2011.

GAZETA ONLINE. 2011. **Promessa de rua calçada completa 15 anos**. Disponível em: http://gazetaonline.globo.com/_noticias/tv_gazeta/jornalismo/estv_1_edicao/834162-promessa-de-rua-calçada-completa-15-anos-em-ilhas-das-flores.html. Acesso em: 26 abr. 2011.

GENETTE, Gérard. **Figuras**. São Paulo: Perspectiva, 1972.

GIBBS, Raymond. Speaking and thinking with metonymy. In: In: PANTHER, Klaus-Uwe; RADDEN, Gunter (orgs.) **Metonymy in Language and Thought** (Human Cognitive Processing). Amsterdam; Philadelphia: Benjamins, 1999. p.61-76.

GLOBO ONLINE, O. 2011. **Nerds transformam opiniões e viram os novos 'queridinhos' da sociedade**. Disponível em: <http://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2011/05/nerds-transformam-opinioes-e-viram-os-novos-queridinhos-da-sociedade.html>. Acesso em 06 maio 2011.

GLOBO ONLINE, O. 2010. **Glória Menezes comemora 50 anos de carreira em clássico do teatro**. Disponível em: <http://ego.globo.com/gente/noticias/0,mul319793-9798,00-gloria+menezes+comemora+anos+de+carreira+em+classico+do+teatro.html>. Acesso em: 20 dez. 2010.

GLOBO ONLINE, O. 2011. **Milhares de peixes mortos aparecem mortos em prais de Mongaguá em SP**. Disponível em: <http://oglobo.globo.com/pais/milhares-de-peixes-mortos-aparecem-em-praia-de-mongagua-em-sp-2832920>. Acesso em: 25 jan. 2011.

GOOSSENS, Louis. Metaphtonymy: the interaction of metaphor and metonymy in expressions for linguistic action. In: DIRVEN, René, PORINGS, Ralf (orgs.). **Metaphor and metonymy in comparison and contrast**. Berlin; New York: Mouton de Gruyter, 2003. p.349-377.

GRIFFI, Elizabeth. et al. **Fundamentos práticos de gramática**. Ens. Méd. São Paulo: Escala Fundamental, 2007.

GUERN, Michel Le. **Semântica da metáfora e da metonímia**. Porto: Telos, 1973.

IBÁÑEZ, Francisco José Ruiz de M. The role of mappings domains in understanding metonymy. In: BARCELONA, Antonio (org.). **Metaphor and**

metonymy at the crossroads: a cognitive perspective. Berlin; New York: Mouton de Gruyter, 2003. p. 109-132.

INFANTE, Ulisses. **Curso de gramática:** aplicada aos textos. Ens. Méd. São Paulo: Scipione, 2001.

ISTOÉ ONLINE. 2011. **Eu sobrevivi.** Disponível em: <http://www.terra.com.br/istoe-temp/edicoes/2067/imprime142028.htm>. Acesso em: 30 mar. 2011.

JAKOBSON, Roman. A afasia como um problema linguístico. In: LEMPLE, Miriam; LEITE, Yonne (orgs.). **Novas perspectivas linguísticas.** Petrópolis: Vozes, 1973. p.43-54.

_____, Roman. **Linguística e comunicação.** 4.ed. rev. São Paulo: Cultrix, 1970.

JOHNSON, Mark. **The body in the mind:** the bodily basis of the meaning, imagination, and reason. Chicago; London: The University of Chicago Press, 1987.

KOCH, Ingedore Villaça. **O texto e a construção dos sentidos.** São Paulo: Contexto, 2008.

_____, Ingedore Villaça. **Desvendando os segredos do texto.** São Paulo: Cortez, 2003.

KOVECSES, Zoltán. **Metaphor and emotion:** language, culture, and body in human feeling. London: The University of Chicago Press, 2003.

KRISTEVA, Júlia. **História da linguagem.** São Paulo: Edições 70, 1969.

LAKOFF, G., TURNER, M. **More than cool reason:** a field guide to poetic metaphor. Chicago: The University of Chicago Press, 1989.

LAKOFF, George. **Women, fire and dangerous things:** what categories reveal about the mind. London: The University Chicago Press, 1987.

LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. **Metáforas da vida cotidiana.** Campinas: Mercado de Letras; São Paulo: Educ, 2002. Tradução de: Maria Sofia Zanotto.

LANDEIRA, José Luís Marques Lópes; BITTENCOURT, Sylvia Homem de. **Língua Portuguesa:** Ensino Médio, 1ª série. Brasília: CIB - Cisbrasil, 2004.

LANGACKER, Ronald. **Foundations cognitive grammar:** theoretical prerequisites. California: Standford University Press, 1987, v.1.

LYONS, John. **Introdução à linguística teórica**. São Paulo: Ed. Nacional, 1979.

MARCUSCHI, Luiz Antonio; HOFFNAGEL, Judith. A escrita no contexto dos usos linguísticos: caracterizando a escrita. In: MARCUSCHI, Luiz Antonio; DIONISIO, Ângela (orgs.). **Fala e escrita**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007. p.85-104.

MARTINS, Nilce Sant'Anna. **Introdução à estilística**: a expressividade na língua portuguesa. 4.ed. rev. São Paulo: USP, 2008.

MELO, Gladstone Chaves de. **Gramática fundamental da língua portuguesa**. 2.ed. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1970.

MOISÉS, Massaud. **Dicionário de termos literários**. 12.ed. rev. e ampl. São Paulo: Cultrix, 2004.

NIEMEIER, Susanne. Straight from the heart: metonymic and metaphorical explorations. In: BARCELONA, Antonio (org.). **Metaphor and metonymy at the crossroads**: a cognitive perspective. Berlin; New York: Mouton de Gruyter, 2003. 2003. p.195-214.

NESTLÉ ONLINE. 2011. **Pode entrar que a cozinha é sua**. Disponível em:http://www.nestle.com.br/site/cozinha/receitas/bolo_de_aniversario.aspx. Acesso em: 05 julho 2011.

PAIVA, Vera Lúcia Menezes de Oliveira e. A metonímia como processo fractal multimodal. In: **Veredas on line** Juiz de Fora: PPG Linguística/UFJF, 2010. p. 07-19. Disponível em: <http://www.ufjf.br/revistaveredas/files/2010/04/ARTIGO-1.pdf>. Acesso em: 20 de dez. 2010.

PANTHER, Klaus-Uwe; THORNBURG, Linda. The potentiality for actuality metonymy in English and Hungarian. In: PANTHER, Klaus-Uwe; RADDEN, Gunter (orgs.) **Metonymy in Language and Thought** (Human Cognitive Processing). Amsterdam; Philadelphia: Benjamins, 1999. p.333-360.

PARANÁ ONLINE. 2008. **Mão santa prepara nossa liga de basquete**. Disponível em:<http://www.paranaonline.com.br/editoria/cidades/news/121619/19-72008>. Acesso em: 22 maio 2010.

PIETROFORTE, Antonio; LOPES, Ivã. Semântica lexical. In: FIORIN, José Luiz (Org.). **Introdução à linguística II**. São Paulo: Contexto, 2003. p.111-136.

PINTO, Manoel Ribeiro. **Gramática aplicada da língua portuguesa**. 16.ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Metáfora, 2006.

RADDEN, Gunter. The ubiquity of metonymy. In: CAMPO, José Luis Otal; FERRANDO, Ignasi Navarro i; FORTUÑO, Begoña Bellés. **Cognitive and discourse approaches to metaphor and metonymy**. Castelló de La Plana: Publicacions de la Universitat Jaume I, 2005. p.11-28.

RADDEN, Gunter; KOVECSES, Zoltán. Towards a theory of metonymy. In: In: PANTHER, Klaus-Uwe; RADDEN, Gunter (orgs.) **Metonymy in Language and Thought** (Human Cognitive Processing). Amsterdam; Philadelphia: Benjamins, 1999. p.17- 60.

RECORD ONLINE. 2010. **Hóspede diz que sentiu frio na barriga ao ver que pousada desabou em Angra**. Disponível em: <http://noticias.r7.com/cidades/noticias/hospede-diz-que-sentiu-frio-na-barriga-ao-ver-que-pousada-desabou-em-angra-20100102.html>. Acesso em: 01 jan. 2010.

RICOEUR, Paul. **A Metáfora Viva**. 2.ed. São Paulo: Loyola, 2005.

ROSCH, Eleanor. **Cognition and Categorization**. New Jersey: Lawrence Erlbaum, 1978.

ROCHA LIMA, Carlos Henrique da. **Gramática Normativa da Língua Portuguesa**. Curso médio. 17.ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1974.

_____. **Gramática normativa da língua portuguesa** – 44.ed. Rio de Janeiro: J. Olympio, 2005.

RODELLA, G. et al. **Português, a sua língua**. Ens. Méd. São Paulo: Nova Geração, 2005.

SALOMÃO, Maria Margarida Martins. Teorias da linguagem: a perspectiva sociocognitiva. In: MIRANDA, Neusa S.; SALOMÃO, Maria M. Martins (Orgs.). **Construções do português do Brasil: da gramática ao discurso**. Belo Horizonte: UFMG, 2009. p.20-32.

_____, Maria Margarida Martins. Razão, Realismo e verdade: o que nos ensina o estudo sociocognitivo da referência. In: KOCH, Ingedore Villaça. et. al. (Orgs.). **Referenciação e discurso**. São Paulo: Contexto, 2005. p.151-168.

_____, Maria Margarida Martins. A questão da construção do sentido e a revisão da agenda nos estudos da linguagem. In: **Veredas: revista de estudos linguísticos da UFJF**. v.3. Juiz de Fora: EdUFJF, 1999. p.61-79.

SER árbitro de futebol. **Liga Portuguesa de Futebol Profissional**. Disponível em: <http://www.lfp.pt/arbitragem/Pages/ser_arbitro_de_futebol.aspx> Acesso em: 20 dez. 2010.

SILVA, Augusto Soares da. A linguística cognitiva: uma breve Introdução a um novo paradigma em linguística. In: **Revista portuguesa de humanidades**. Vol. 1. Fasc. 1-2. 1997. p. 59-101.

TAYLOR, John R. Category extension by metonymy and metaphor. In: DIRVEN, René; PORINGS, Ralf (orgs.). **Metaphor and metonymy in comparison and contrast**. Berlin; New York: Mouton de Gruyter, 2003. p. 323-347.

TERRA, Ernani; NICOLA, José de. **Português para o Ensino Médio: Língua, Literatura e Produção de Textos**. São Paulo: Scipione, 2004.

TOMASELLO, Michael. **Origens culturais da aquisição do conhecimento**. São Paulo: Martins Fontes, 2003. Tradução de: Cláudia Berliner.

ULLMANN, Stephen. **Semântica: uma introdução à ciência do significado**. 2.ed. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 1970.

VALLADARES, Ricardo. O Pelé dos presidentes. **Veja**. São Paulo, n.52, p. 190-192, dez. 2005.

VEJA ONLINE. 2011. **Playcenter sofre com histórico de acidentes**. Disponível em: <http://vejasp.abril.com.br/revista/educacao-2212/playcenter-acidentes>. Acesso em 23 maio 2011.

WITTGENSTEIN, Ludwig. **Investigações filosóficas**. 2.ed. Petrópolis: Vozes, 1996.

YAHOO RESPOSTAS, 2011. **Pra você, o que é um bom filho?** Disponível em: <http://br.answers.yahoo.com/question/index?qid=20080303112354AA0dDyz>. Acesso em: 30 mai. 2011.